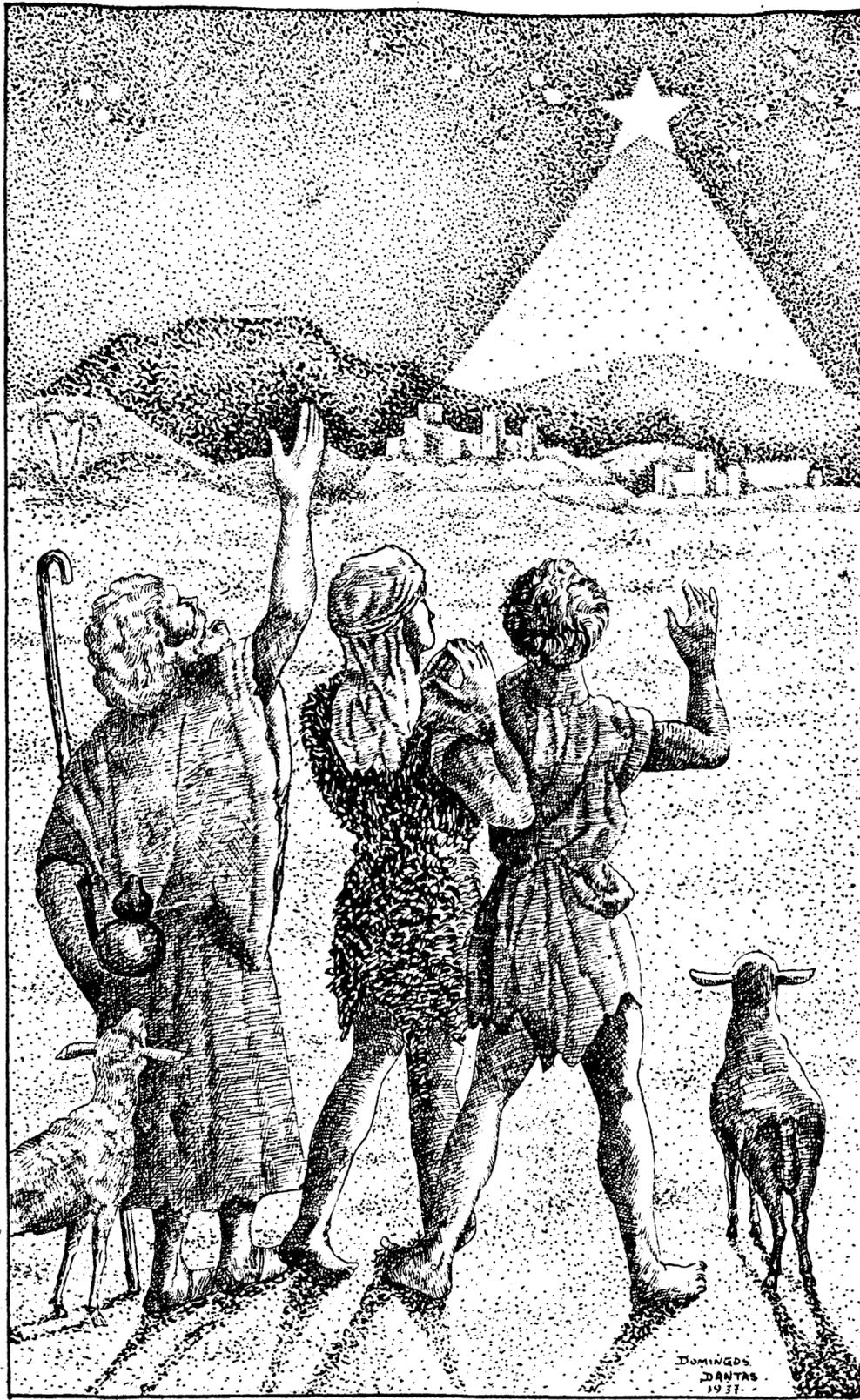


Notícias de Guimarães



Nazareth!...

...e ante a inesperada aparição daquela Estrela tam radiante, os Pastores extasiaram-se e seguiram-na...

*Legenda e desenho de
Domingos Dantas.*

NATAL

1 9 3 7

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA
VISADO PELA

Os nossos votos

MAIS um Natal — e o desejo, tão veementemente formulado o ano passado, de que este nos trouxesse um pouco mais de confiança no futuro e de tranqüilas expectativas, não teve — ai de nós! — realização.

Nesta quadra, tão bela, de tão suave e enternecido significado, ao relancear os olhos pelo que vai por esse mundo, não há coração que não se confranja, não há espírito que não se inquiete ao pensar no dia de amanhã.

Corre, por certas zonas da terra, um vento de insânia e de desolação. Os homens, mesquinhos ante a grandeza ciclópica dos acontecimentos, cada vez menos praticam a sublime indicação do Creador que mandou que nos amassem uns aos outros. A visão do que há-de vir é, por isso, um pesadelo horrível.

Nós, os portugueses, vivemos — felizmente! — uma hora serena, tranqüila, no que respeita à nossa vida interna, à nossa vida de Nação livre entre as mais livres. Isso não impede, porém, que tenhamos a consciência de sermos cidadãos da Europa e do Mundo e de termos, portanto, a exacta noção dos difíceis tempos que vamos vivendo.

Próximo de nós, na mais cruenta e feroz de todas as lutas intestinas, centenas e centenas de milhar de irmãos batem-se, esmagam-se. Longe, para o extremo oriente, povos de raças similares entrecrocaram-se num prélio gigantesco, consumindo ingloriamente incalculáveis riquezas.

A diplomacia atravessa as suas horas mais angustiosas, pela sua contumaz impotência.

No balanço macabro que poderia fazer-se da história do ano prestes a findar, a rubrica das desilusões e das desventuras seria assinalada por cifras de valor astronómico.

Deixemos, porém, para outros a antipática tarefa. Somos dos que ainda não desanimaram de todo. Cremos sinceramente que a Humanidade viverá dias melhores. Quando? — Eis uma pergunta a que nós, pobres mortais, não sabemos responder.

* * *

Temo-nos empenhado ultimamente numa campanha que visa à lial cooperação e ao são entendimento de todos os vimaraneses em prol do bem comum, isto é, em tudo que possa traduzir desenvolvimento progressivo da nossa querida Terra.

Não pode considerar-se inoportuno — muito pelo contrário — que neste dia renovemos os calorosos votos tantas vezes formulados nesse sentido.

E assim, daqui exortamos todos os nossos conterrâneos a unirem-se, de uma vez para sempre, firmemente, interessada e dedicadamente, esquecendo velhos agravos e evitando questiúnculas prejudiciais, com o elevado e sacratíssimo objectivo de colocar Guimarães na situação de relêvo que por todos os títulos merece e de que anda afastada pelo motivo principal de termos vivido até ao presente num lamentável regime de estúpida incompreensão.

Que este Natal seja um Natal da família vimaranesa, prenunciador de futuro próspero e venturoso!

SOLILÓQUIOS

Diz-se: a mesa da noite de Natal é sempre farta e repleta. A fome não ultrapassa os umbrais dos mais pobres casebres, e a alegria mostra-se contente e senhoril.

— Modos de dizer!

A noite de Natal, para o grande número dos mortais, simboliza a dor que acicata e a salidade que mortifica. Entende-se, pois, que a fatura e a repleção impostas, no bom entendimento das gentes, não passam de vitualhas amassadas em sofrimento e lágrimas.

E' curioso noctivagar quando não se abriga qualquer desejo de comemorar a chamada *Festa de Família!*

O silêncio de que se anda circundado, a noite e o frio impenitentes de que se sente o trespassar, a solidão que arrebatada e domina, e o ar festivo que se reflecte através das janelas iluminadas, tudo se acumula e junta aos pensamentos deambulatórios da imaginação farta — a certeza plena de que o mistifório festivo só bafeja os prebendados da sorte.

Nos lares humildes, nos cunhais das portas, no pó dos caminhos — quantos pares enlaçados no abraço amargo da Desventura!

Em meu entender, oxalá que a noite desta quadra festiva fôsse traduzida neste pensamento simples e curioso: — Noite igual para todos, de conforto nos lares e paz nas almas.

L. Coelho.

CANÇÃO LUSÍADA

MAIS ALTO E MAIS ALÉM! EIS A DIVISA
DUMA RAÇA DE SANTOS E DE HERÓIS.
MAIS ALTO E MAIS ALÉM!... ROTA IMPRECISA
DE MISTÉRIOS NOCTURNOS E DE SÓIS!

VAI CADA VEZ MAIS LONGE O NOSSO ANSEIO.
— O SACRIFÍCIO EM NOSSA BOCA É SANTO... —
MAIS ALTO E MAIS ALÉM! NENHUM RECEIO
CALOU JAMAIS A VOZ DO NOSSO CANTO!

POVO ELEITO DE DEUS, CHEIO DE GRAÇA,
POVO QUE TRAZ NO SEU OLHAR ACESA
A FÉ NO SEU DESTINO! ETERNA RAÇA,
INFINITA DE AUDÁCIA, AMOR, BELEZA!

DEPOIS DA MORTE A VIDA PRINCIPIA,
— EM CADA HERÓI A ALMA DUM SANTO HABITA! —
RASGAI A TREVA P'RA QUE SURJA O DIA,
E EM CADA ALMA EXISTA A ALMA INFINITA!

A M É R I C O D U R Ã O

Natal! Boas Festas!

O dia de Natal é um dia de felicidade e de alegria para todos.

Crentes e não crentes, ricos e pobres, todos enfim sentem uma satisfação maior, um contentamento que contagia, uma alegria que transborda e se comunica.

O Natal é dia de Festa, de Festa grande, porque é o dia da Família. Reúnem-se todos na mesma meza, avós, filhos, netos, todos os parentes. E' um elo a prender os corações na mesma alegria, a irmanar as almas no mesmo satisfeito desejo de se encontrarem novamente, como em tempos distantes, a viver a mesma vida da Família, no aconchego do lar e no conforto da lareira que arde mais crepitante como que a compreender a solenidade do dia grande que se comemora, hoje como há tantos séculos.

E é preciso viver a tradição, na sua grandiosa simplicidade, com *missa do galo* e adoração do presépio.

Arvores de Natal, «pére Noel» barbudo e alquebrado ao peso do saco dos brinquedos, «rêveillons», tudo quanto seja alterar o significado belo da festa santa da Família, é exotismo que deve ser banido porque não está dentro dos nossos costumes de portugueses.

O Menino-Deus, a Sagrada Família, o sapatinho na chaminé, os serões à lareira, as rabanadas e a aletria polvilhadas de canela, o bacalhau com batatas que, na ceia, tem um sabor inexplicável, isso sim, isso é que é bem nosso, bem português.

Desnacionalizados já nós andamos há muito, e de tal modo que até o nosso Eça se revoltou, em páginas vibrantes de indignação, contra os nossos modelos de importação, que tudo alteram para peor.

O nosso Natal, o nosso Natal minhoto, é todo simplicidade e ternura. E' um Natal de paz, de concórdia, de apasiguamento.

A' volta da mesa, ou à volta da lareira, tudo se esquece, para se começar uma vida nova de fraternidade, uma vida nova purificada ao calor brando dos corações que se remoçam para sentirem uma outra vida, sem malquerenças, sem azedumes, sem reparações irreparáveis.

E' um milagre do Menino, um milagre de liberalidade extensiva a todas as almas boas.

No palácio como na choupana, tudo é igual na mesma fé, na mesma esperança, no mesmo sorriso. Pode haver mais conforto num lado do que no outro, podem haver mais iguarias no palácio do que na choupana, mas nesta há, sem dúvida, almas mais lavadas, corações mais puros, alegria mais sã.

E' a festa de todos, e porque é a festa de todos, os anos sucedem-se, mas a festa permanece inalterável, sempre cheia de brilho, daquele brilho que irradia ainda da estrêla que iluminou a choupana de Belém.

Natal! Natal! Dia de alegria, dia em que o povo mais vive a Tradição. Bimbalham os sinos para a *missa do galo* e dentro das almas alberga-se uma satisfação maior que parece nascer do sorriso inocente, carinhoso e doce do Deus-Menino.
Natal! Natal!
Boas Festas!

O amor e o mar, são imensos e profundos. Serenos espelham o céu na face, e volvem flores nas vagas; mas no seio está o abismo; ruge o inferno. O mar e o amor enchem quasi o mundo.

Rebêlo da Silva.

A ordem social e a paz do mundo repousam sobre a paciência e a resignação dos pobres.

Madame de Stael.

Assinar o "Notleias do Guimarães", é dever dos vimaraneses.

Itinerários

Do Dr. Américo Durão.

VII

O crucifixo estava na cómoda, sobre uma toalha de linho, entre duas velas de cêra; junto da redoma de vidro, com a Senhora das Dóres, de manto de veludo rôxo, bordado a ouro, e sete espadazinhas de prata, cravadas no tufo de renda do peito, ardia a lamparina de azeite, na côva de latão e porcelana. A cama ficava a um canto da sala, em frente da janela, aberta à noite lucilante, do outono já inverneado, agora no silêncio de nevoinha lilaz, em que se embrunha o amanhecer.

Estremecera de manso o doente, como na passagem do mesmo sono, comprido e fatigado. Maria Teresa tocou-lhe os lábios com a esponja, embebida em água pura e fresca. O Padre, lentamente, descerrou os olhos, sorriu à irmã num sorriso de tristeza e gratidão, como infinito na sua rapidez instantânea. Pareceu reanimar-se-lhe a macilência da face, mas a cabeça descaiu para o ombro, as mãos agitaram-se e um fio coaguloso de sangue espumou-lhe à boca.

Estava morto.

Maria Teresa beijou-lhe a mão inerte até que a sentiu enregelar-se de encontro aos lábios. Depois, deixou-se aliar um demorado instante. O drama daquela vida findara. O seu, amarguradamente, iria arrastar-se por outro mundo, novo e hostil, em que seria desconhecida e intrusa, mulher já sem idade, nem o mais leve desejo, a não ser talvez o de esperar a sua hora de libertação — na recolhida agonia da soledade.

Contemplava ainda o cadáver, sereno, com uma leve sombra de ternura ou desfado no rosto lívido, quando ouviu gemer a velha Josefa, que os trouxera ao colo.

— Sim: morreu.

A essa hora, mal se adivinhava a luz, subia na ruça, ao alto do Crasto, onde atavernavam os moleiros e os viandantes, o irmão Joaquim. Vinha atrás o moço, correndo, de sacola. Esperou que o alcançasse, além da venda, escolheu o soute, a beira das alminhas, e apou-se. — «Quem anda nestas viagens, não sabe o que o espera». Abriu o sacco, tirou uma isca de presunto, que é comida sempre feita, e repartindo o molete com o rapaz, lá de si para si, ia pensando:

«O Marcelino era bom homem, e, diz o mundo e eu creio também, um bom Padre. Não deve ser de grande monta o comer, dormir, passear, dizer missa, e ouvir os pecados dos outros, que os confessam — os pecados que ofendem os mandamentos da lei de Deus. Mas... a natureza não perdôa, e Marcelino, filho da lavoura, homem forte, encaminhou-se, se não se deixou levar, para uma vida outra daquela que nós vivemos. Assim, morreu ainda novo, e talvez já bastante velho. Pai António, porque conseguiu amealhar umas moédas, quis ter a glória de dar um filho à Igreja. Gastou com ele dinheiro nos estudos, no Seminário, e no património,

Eu fiquei nas terras, donde partira Pai António para a cidade (como o Marcelino partiu da cidade para o Sacerdócio), de suja camisa e pés descalços, ao sol e à chuva.

O que tenho é de meu ganho, são as terras, que o Marcelino não quis ver partilhadas — vamos andando... — à morte do Pai António, nem da Mãe Cursseira. Minhas — porque se não deitaram contas ao que se gastara em ordená-lo, nem o património entrou à relação; minhas — porque as fabrico dès que Pai António foi para a cidade, e lá morreu, deixando tanto do seu negócio de farinheiro que tive eu de trazer a Mãe Cursseira para a aldeia, e sustentá-la até morrer. Se houve algumas sobricas do que topei na gaveta da loja, enquanto o Marcelino, como era de seu dever, encomendava a Deus a alma do Pai, ninguém me pediu contas delas. Mas, também — quem aturou, e vestiu, e tratou doente, e enterrou a Mãe? O lavrador.»

Gorgolejou pausadamente, sentindo clara e esperta a cabeça.

«Maria Teresa não passa de ninguém, a sumidota. Branda da alma, e mole do corpo. E fez-se toda delicada, a senhozinha. Uma freira, ao lado do Padre. Era o Marcelino em ponto magro, e de saias, ou com saias de mulher. Não que êle custa a andar, como a minha patroa Rosa e as minhas filhas, de cesto ao ombro, a apanhar a erva, a olhar pelo gado, a deitar a mão ao que se faz preciso nas sementearas, nas sachas, nas lavras, nas vindimas... E ufa! — que, na cozinha, está ao lume o pote do caldo. Nas feiras — não há como aquele saber maralhar das mulheres; nem sol de romaria, como de vé-las, alegres e vermelhas, a cantar e a bailar!

Nunca passei de labrêgo, com as terras e os meus sete filhos — e suas senhorias viveram sempre à fidalga. O Marcelino, logo ao entrar nos estudos, vestido como um doutor; a menina, não fôsse constipar-se, ou criada para mais altos destinos, calçadinha, e de blusa. Olhem se pensa nisso a Rosa, quando leva de comer à bicharada!

Mal o padre saíu Cura de almas, aí lhe vai a Maria Teresa colada à sombra, porque, hom'essa!, é preciso cuidar-lhe da casa, não o deixar à mercê das poucas vergonhas do mundo, ser, enfim, a *irmã do Senhor Abade*. Ora, sempre ouvi dizer, a gente velha e moca, que os padres sabem viver muito regaladamente quanto ao passado. Aquilo é vida de passado!

São horas de fazermos as contas. E as contas são fáceis de fazer — quero para mim as terras, o património, e a herança do Marcelino. Três filhos houve do mesmo Pai e da da mesma Mãe. Sou o mais velho, sou casado, e tenho filhos. Morrendo o Marcelino — porque diz o recado que lhe sou a hora —, a Maria Teresa vem, como veio a mãe, pa-

(Segue na página 6)

O meu conto de NATAL

PARA escrever este meu conto de Natal, quis torná-lo tão simples, tão verdadeiro, tão humano, que fui buscar, através da recordação, o meu Natal de há meia dúzia de anos. Recordo-me, ainda, como se fosse hoje, o que foi essa noite de festa cristã, que o calendário marca como uma saúdade, pontualmente, todos os anos, — quando eu deambulei, em serviço profissional, pelas capitais do mundo, buscando sensações novas, embecendo o espírito de emocionantes ilusões, procurando servir com palpantes notas de viagem o jornal para o qual trabalhara, então.

Tinha desembarcado em Paris, cinco dias antes de 24 de Dezembro. Um telegrama do meu director fazia-me deslocar, com urgência, para uma cidadezita na fronteira belga, a fim de tratar dum palpitante acontecimento político.

Diante dessa lacónica ordem que o telegrafo me trouxera, diluindo os planos que eu tragara para viver Paris no momento do Natal, dirigi-me para a fronteira, com a necessária brevidade, a fim de não perder a reportagem sensacional do escândalo político que o telegrama me anunciara.

Resignei-me. Paris ficava para o regresso. Confesso, que os escassos momentos que me retiveram na cidade da Luz, foram suficientes para aumentarem a visão de grandiosidade que no meu espírito se tinha, já, desenhado.

Cheguei à cidadezita belga, quasi belga, quasi francesa, na véspera de Natal. A mesma animação, o mesmo colorido, o mesmo entusiasmo das grandes cidades.

Não foi sem grande esforço, que conseguí iniciar os meus trabalhos, em virtude de enormes dificuldades que me surgiram, mas pude, ao cair da tarde, ter em ordem os dados mais importantes para a minha reportagem.

E, só ao princípio da noite, quando nos estabelecimentos decrescia a afluência e as ruas começaram a ficar desertas — é que eu pensei, então, no meu Natal.

Só, esquecido, longe da família, perdido numa cidadezita distante, — tentei buscar um pouco de distração que fizesse esquecer a dor que me magoava, intimamente.

Dirigi-me ao hotel. Não posso descrever o que sentia dentro de mim, — ao pensar nesse Natal triste que eu próprio heroificara.

A animação, no hotel, — horrorizpu-me. Quando eu buscava um meio razoável que me fizesse viver essa noite do ano numa agradável volúpia, encontrei uma *mise-en-scène* falsa, irreal, — semelhante uma comédia horrível, sem princípio, sem fim, uma comédia que me arripava.

Corri todos os clubs, todos os «cabarets» — sempre com a

Mataduras

Jesus já nasceu!

Seu Pai o mandou descer lá do Céu.

O Bem ensinaste, mas tudo piasou, quanto nos legaste.

Perdeu-se o juízo, já não há deveres. Men Deys! é preciso de novo nasceres.

MARY COTTA.

mesma fé, com a mesma esperança, — e em todos eles eu encontrei o mesmo cenário reles.

Procurava a verdadeira alegria, a ternura dessa noite emocionante — e aos meus olhos só se mostrava a orgia.

Quantas vezes, eu recordei a lenda da noite de Natal, singela, pura, humilde, dentro do seu aparato de felicidade, — e quantas vezes, através da minha peregrinação pelas ruas abandonadas da cidade, ela me surgiu completamente disforme, monstruosa, num contraste tão doloroso, tão extraordinário...

Quasi de madrugada, quando recolhi ao hotel, — exausto, vencido, extenuado, — e tentei serenar a comoção do meu Natal, verdadeiramente gémeo daqueles que, também, não têm Natal — senti-me orgulhoso, vitorioso, dessa noite de melancolia vivida numa cidade quasi belga, quasi francesa.

E que o meu Natal foi o mais humilde de todos os que assisti — por ser, dentre eles, o mais triste...

Ruy de Lucena.



Uma mulher bonita, sem Joias, é apenas uma mulher bonita...

Uma mulher bonita, com uma Joia, é uma mulher bonita duas vezes!

Ourivesaria Ancora

Rua 31 de Janeiro, 21 a 25
Telefone, 6078 PORTO

Jôgo dos pinhões

DEZEMBRO agreste e frio! Noite de consoada! No claro sumiram-se os últimos clarões solares; inúmeras estrelas povoam o firmamento; a atmosfera gela; sopra um vento cortante.

Das chaminés e trapeiras evoluem-se densas nuvens de cinzento fumo. A aldeia está em silêncio; todos recolheram aos seus lares a saborear a tradicional ceia.

No centro da graciosa e bem cuidada povoação eleva-se, como soberano dominador, um velho solar de arquitectura austera, genuinamente portuguesa, de cujas janelas ricamente guarnecidas de rendas e damascos saem jorros de luz, reveladores da alegria e abundância que vai lá por dentro.

Na grande sala de jantar, guarnecida de preciosas louças e ricas pratas, está posta a mesa, sobre a qual se estendem doces finíssimos e capitosos vinhos que o apetite dos habitantes não conseguiu consumir. No fogão arde acalentador lume.

Terminara a ceia do Natal. Recostado na sua poltrona, um ancião venerando, de avançada idade, de porte altivo e nobre, percorria um jornal, inteirando das notícias do dia. A seu lado, dando-se as mãos em amoroso enleio, revivendo nos olhares de terno carinho os anos de ventura que iam decorrendo, sentavam-se o filho dilecto, um pouco desempolado, e galante, e a nora querida, jovem formosíssima cuja inextinguível bondade a tornava o anjo daquele lar abençoado. Pelos corredores profusamente iluminados brincava, ria, folgava, sem cessar, um interessante grupo de formosas crian-

Volata d'Amor

(A uns olhos magos)

Foi em Dezembro,
Numa noite fria e triste,
Que meus olhos enlevados,
Piedosos,
Gativos,
Enamorados,
Para sempre ficaram presos
Dos feitiçeiros,
Misteriosos olhos teus...

Fôra o caso que duas estrelas
Brilharam num momento,
Fulgentes,
Cintilantes,
Supremamente belas,
A iluminar o céu, o mar, a terra,
O Pensamento.

Sua luz
Veio derramar-se em manchas prateadas,
Trazendo estranha claridade
Onde só existia a treva infinita...
Lampejando na negrura,
Entre poeiras austrais,
Reverberou com profusão radiante,
Intensa e rabisca,
Transpôs a arca do meu peito,
Chegou ao coração,
E aí se reflectiu com áureo fulgor,
Acendendo em fogo vivo
— Em fogo de desejo —
A paixão enlaçada,
Palpitante,
Afectuosa,
Que, num instante,
Entreabria a fantasia,
(E para bem do nosso Amor)
Um claro dia de Sol
— Conforto de algum dia.

1937

L. COELHO.

ças para quem a inacção se tornava impossível. De idades diferentes, mas tão robustas que se confundiam, elas, substituíam todo o enlevo dos seus progenitores que as contemplavam embevecidos.

Subitaneamente, qual exército invasor que se apodera da praça sitiada, as lindas crianças invadem a sala de jantar, acercam-se do lume, sacodem os pais e o avô, arrastam uma pequena mesa, à volta da qual se possam acomodar, abrem uma saquinha cheia de pinhões e reclamam os parceiros para o jôgo.

No momento dá-se uma transformação notável em toda aquela família: os velhos voltam à sua meninice; as crianças elevam-se à altura dos autores de seus dias e todos se confundem em uma mesma ocupação, a ela se dedicando com igual desvelo e interesse.

Sobre a mesa estão dispostos os montinhos individuais de pinhões, donde cada um conta o número que lança ao monte cuja posse se vai disputar no jôgo. Roda o pequeno quadrado de madeira com as quatro tradicionais letras — R. T. D. P., e novos e velhos, em igual ânsia disputam o rapa e lhe pedem a apresentação do R., para fazer recolher ao seu lado todos os pinhões que estão no centro da mesa. E a jogatina continua sempre entre um garrular alegre daquele soberbo grupo, em que já não se distinguem as idades.

O avô, cheio de contentamento, deixa que os queridos netinhos lhe vão, à sucupa, desfalcando a provisão de pinhões; o casal, ditoso e enlevado na alegria dos seus filhinhos, finge perder sempre, e as encantadoras crianças, sentindo-se vencedoras no jôgo, exibem de prazer; riem, agitam-se febrilmente, troçam da sorte dos que perdem e apregoam a habilidade dos que surripiam.

E assim vai passando a noite, dando a todos a impressão de que as horas são momentos furtivos, até que o campanário da igreja se faz ouvir no seu som estridente, o único que afrontou o grande silêncio da aquela noite de bem-estar.

E meia-noite: toca o sino para a missa do galo. E o avô,

levantando-se da sua patriarcal cadeira, suspende o jôgo dos pinhões, com grande pesar dos pequeninos que ficam a desejar outra noite de Natal.

A. F.

Farpas

Uma estrela brilhou

A' ordem de Cirino, governador da Síria, os povos da Galileia e da Judeia movimentaram-se em direcção à cidade de David para cumprir os ordens de recenseamento ordenados por César Augusto. Foi assim que José, da Casa e da Família de David, partiu com Maria a caminho da cidade de Belem deixando a sua casa de Nazaré, para se apresentarem ao registo e cumprirem as determinações de Cirino.

E, deste modo, Belem foi o Berço do Redentor, daquê que, no alto do Gólgota, resgatou, com o seu sacrificio, a Humanidade inteira.

Todos os anos, pelo Natal, se comemora o nascimento de Deus Menino que nós vemos deitado nas palhinhas do Presépio numa evocadora cena de humildade e de resignação, com pastores a rodeá-lo arinhosamente, numa mesma comunhão de esperança e de fé.

Uma estrela brilhou então. Uma estrela que se ergueu nos Céos, esplendente de grandeza brilhante de luz, estrela nunca vista, que era guia de crentes e farol de naufragos no mar revoltado em que se afundava o paganismo luxurioso dos senhores da terra.

E essa estrela atraía até junto da abandonada mangedoura que serviu de berço do menino, os humildes e os poderosos, prostrando-os em adoração a quem, humilde entre os humildes, viria pregar a nova doutrina e procurar fundar na terra um outro mundo melhor, mais humano e mais justo.

Vão rolando os anos, vai rolando o mundo na sua trajetória de sempre, vão passando as idéas, vão-se sepultando as ambições. Mas o egoísmo fica a aticar outras idéas que são novas pragas a flagelar a Humanidade, a acender novos

dissíduos que são a ruína e a perdição dos povos, a fomentar as guerras que tudo aniquilam e destroem.

E os homens, desiludidos, vexados, acabrunhados, voltam os olhos ao céu para ver se descobrem, de novo, aquela estrela grandiosa e refulgente — que alumiu todos os povos, os deslumbrou e os atraíu ao presépio de Belem a fim de os fazer compreender e sentir a doçura da vida, — para que neste vale de lágrimas em que vivemos, neste desconforto que sentimos, nesta ânsia que nos consome, possa haver, de novo «paz aos homens de boa vontade».

Natal de 1937.

X. X.

Sol-novo!

NATAL! Vibram sonorosos em céu álgido de Dezembro os sinos dos campanários: Hosanas do bronze, Homenagem Menino que ao mundo viera...

Natal! Festa da Família. Nas casas pobres, nas pobres choupanas, os pobres fraternizam... Nessa noite, há longos séculos, nasceu Jesus: — Jesus, Sol-novo alumando o mundo, o mundo em trevas sem a luz do Amor; Jesus, Sol-novo desgastando as almas, desgastando com seus raios novos a rocha dura dos frios egoísmos; Jesus, Sol-novo acariciando velhas chagas, pulverizando crostas endurecidas nos corpos dos escravos; Jesus, Sol-novo de promessa, eternal promessa de Equidade Social!...

Natal! Os sinos vibram sonorosos. A pobreza fraterniza... — desfiando sempre e sempre o mesmo triste rosário de negras contas, contas que são lágrimas, lágrimas de aflicção, de dor, de saudade!...

1937.

A. de Macedo.

Pieguices

Para a B.

Os versos que te escrevo, não me atrevo mesmo talvez a versos lhe chamar, são simples pieguices, creanças, quer escritos a rir ou a chorar.

São frases delambidas, mas sentidas no coração que pulsa só por ti, por ôle são traçadas, e ditadas, lembrando aquelas horas que vivi.

Momentos de ventura que a amargura sabe tornar ainda mais saudosos, tôja a felicidade, que em verdade, os nossos corações faz ansiosos.

Frases simples, singelas, pobres delas! que não dão um sentido bem perfeito, mas que dizem, talvez, sem timidez, um pouco do que sinto no meu peito.

E quantos troçarão da devoção com que te digo aquillo que senti, mas não importa, porque os versos meus, e que são teus, são escritos somente para ti.

Natal de 1937.

SAN.

V. Ex. Não deve comprar calçado de agasalho sem ver o grão do bordão da Camisaria Martins. Nesta Casa encontra V. Ex. calçado para todos os preços e a preços baratíssimos: o calçado da Camisaria Martins é resistente e perfeito. Sapatos em bom tecido com meio salto a 20.00 escudos. Ditos de bom agasalho a 3.00 escudos. Só na Camisaria Martins a. Quedas Moias. (1489)

O sonho de um pobrezinho

NAQUELA véspera de Natal, o Joãozito fôra deitar-se satisfeito e contente...

Pobrezinhos como eram, seus pais haviam-lhe dado ceia melhorada — uma ceia rica, como lhe chamaram — mercê das almas caridosas que para ela contribuíram. E o pequenito — quatro anos em botão — comera com regalado prazer aquela refeição — apesar de tudo bem mais humilde do que as habitualmente servidas aos filhos dos senhores abastados.

Comera e fôra deitar-se. E logo que suas tenras pálpebras se juntaram, um sonho lindo o embalou, fazendo aflorar-lhe aos setinosos lábios, de vez em quando, um sorriso angélico — aquele sorriso que só existe nas creanças da sua idade.

Sonhava com Jesus — um Jesus pequenino como êle — e brincavam ambos. Tinham muitas coisas lindas, muitos brinquedos: bolas, cavalinhos, espadas, tambores, bonecos, automóveis, combóios... tudo, enfim. Era no céu: A mãe de Jesus — uma Senhora muito boa e muito linda — pegava-lhe ao colo, dava-lhe doces e beijava-o. E o Joãozito, contente, fugia-lhe para ir com Jesus que o chamava; e foram ambos passear.

Havia, lá em cima, um sol meigo como o luar — um sol diferente do que êle conhecia na terra, e ao qual tantas vezes se aquecera quando tinha frio.

Viu tudo e tudo o encantou: muitos meninos e muitas meninas, vestidinhos de branco, cantavam versos maravilhosos, que os anjos acompanhavam, tocando em instrumentos de ouro. Num trôno, com fosiore-scências brilhantes, a oúvilos, estavam sentados todos os Santos e, entre êstes, satisfeitos, via seus pais.

Mais além, havia muitas cammas pequeninas e também lá estava a sua: Jesus mostrara-lha. E êle, palpando-a, achou-a quente e muito macia. Ficava contente. A outra, a que tinha em sua casa, era fria e às vezes magoava-lhe o corpo.

Depois, foram andando, e Joãozito viu mais coisas para si desconhecidas e tôdas belas.

Jesus, porém, ao cabo de muito andarem, guiou-o para um corredor comprido onde não havia sol e onde começara a sentir frio. Chegados que foram ao meio deste, Jesus, sem nada dizer, desapareceu, deixando-o sózinho. E Joãozito ficou muito triste e chamou repetidas vezes pelo seu companheiro. Este, porém, não voltara a aparecer.

Lacrimoso e tiritante, Joãozito quis voltar para trás, mas o corredor, à medida que ia caminhando, tornava-se mais escuro e muito mais frio. Chamara, então, mau a Jesus, por ali o haver deixado.

Meio exausto e sem saber para onde encaminhar seus passos, sentara-se no chão; à espera que alguém o fôsse buscar. Mas ninguém apareceu... Chorou muito e teve medo.

A seguir, despertou... E despertando, ainda chorou mais e com maior vontade. O seu sonho deixara-o muito pesaroso.

Chamou então pela mãe e disse-lhe que tinha frio. Ela, pressurosa e condoída, enxugou-lhe as lágrimas e beijou-o, sossegando-o. Mas chorou também.

Depois foi buscar um misero trapo que servia de casaco ao marido e deitou-o sobre o corpo, pequenino do filho para ajudar a agasalhá-lo do frio daquela álgida noite.

Era tão pobrezinho que nada mais possuía para cobri-lo.

Natal de 1937.

J. Guálberto de Freitas.

O "Notícias," e a Festa do Natal

CONTINUANDO na mesma ordem de ideias dos anos anteriores, o «Notícias de Guimarães» também este ano dedica um número especial à Festa do Natal. Como concordo, abro uma excepção. O respeito pela tradição, sobretudo quando esta é portadora de hábitos que se devem manter pela beleza do seu significado, deve ter em cada pessoa um altar de veneração. Está neste caso a tradicional Festa do Natal, que, cá no Minho, mais do que em qualquer parte do País, tem um sentimento onde existe muita cousa de poesia, de piedade e de pura afeição. Nada mais belo do que os perfumes da vida, quando esta é vivida com Deus e com a Família. Ora, a Festa do Natal, que é a Festa de todos — do rico ou do pobre, do novo ou do velho — é aquela que mais une e que mais acalenta os laços da constituição da Família e da amizade. Embora por um lado seja sentida a falta de entre os mais queridos, cuja saúde é maior do que nunca nessa ocasião, por outro sente-se o prazer dum viver pelo coração, prazer que se torna expansivo e fraternal, esquecendo-se as ofensas com beijos e apertos de mão. Mas há mais: É na Festa do Natal que os parentes e amigos fazem troca de significativos presentes; que, como prova de recordação e de estima, se envia aos ausentes uma carta, um telegrama ou simples postal ou cartão; que o pobre faz votos pela felicidade do rico e o rico é generoso com o pobre e que, enfim, o dinheiro tem apenas o valor das alegrias que proporciona, tantas são as dádivas que entram nos mais modestos ou mais pobres lares. É, sem dúvida, a Festa do Natal o mais harmonioso e o mais encantador concerto que transforma em hinos de alegria os gemidos da dor e do sofrimento das lutas da vida e das suas fadigas e decepções. É assim que nós vemos na Festa do Natal os pobres e velhinhos avós cheios da maior satisfação a brincar com os seus netinhos enquanto os pais destes tratam dos preparativos dessa Festa, que principia pela Ceia da Consoada, para a qual as pessoas abastadas e generosas contribuíram a fim de fazerem o maior número possível de contentes, ou seja a fim de se interessarem pela felicidade alheia. Na véspera de Natal, a miséria de muitos lares desaparece por algum tempo, graças à acção da Caridade que leva, a cada um, um pouco de alimento, motivo por que é costume dizer-se que na noite de consoada todos têm que comer e que beber. Essa satisfação, junta àquela que um pobre pai e uma pobre mãe sentem pelo facto de verem que nada faltará aos seus filhinhos, completa a grande expansão de regosijo que se nota na mais modesta e mais pobre habitação. Há, porém, uma coisa que ali falta: é o desejado Pai Natal a distribuir prendas aos pequeninos, como sucede nas casas dos ricos. É essa circunstância a única que tortura o coração de alguns pais por não poderem dar a seus filhinhos uma daquelas prendas que as crianças tanto desejam. Em compensação, a mãe aconselha os filhos a irem dar as «Boas Festas» aos padrinhos. Todos satisfeitos, eles aí vão no cumprimento dessa missão, percorrendo muitas vezes grandes distâncias, mas sempre bem dispostos e satisfeitos. É curioso o que muitos dizem aos padrinhos, quando a consoada que lhes dão é em dinheiro: «A minha mãe disse

Natal da Vida e da Morte

Para aquêl que tem um lar onde se acoitê,
A luz duma candeia,
Mesa com pão, florida,
Eu creio que não há, não há mais linda Noite,
Nem mais formosa Ceia!
A noite de Natal é a Vida, é a eterna Vida!

Para aquêl que dorme à beira dos caminhos
Em densa escuridão,
Vive sem rumo e norte;
Que vê chorar com fome a esposa e os filhinhos,
E não tem luz, nem pão,
Para êle o Natal é a Morte, é a negra Morte!

Dezembro de 1937

DELFIN DE GUIMARÃIS.

que era para comprar uns tamanquinhos por causa do frio». É esse um dos agradecimentos dos pequeninos seres, dotados dum coração cândido e agradável. Assim é um dos aspectos da «Festa do Natal» — Festa dos felizes e dos infelizes, à qual se associa o Menino Jesus nas palhas do seu Presépio deitado...

Natal de 1937.

M. Meneses.

Negócio de galinha

É velha e revelha a história do Calixto Enguceira que nasceu a uma terça-feira e dia 13. Não há miúdo nenhum que a não conheça, tantas vezes ela tem sido contada, e das mais variadas formas nos tem sido apresentado esse símbolo da *engalinhada calixtice*.

É azar nascer de noite, mau agouro a uma terça-feira, e então completo se se trata do décimo terceiro dia do mês. Veio ao mundo numa noite de inverno, a umas horas em que os ponteiros do relógio já pouco tinham que andar para que batesse a meia noite, a fôlha do calendário marcava uma segunda-feira, dia 12. Só por um bocadinho que não foi *calixto* completo.

Pequeno ainda, fôra apresentado, e mais um seu irmão, com uma linda franguinha. Esta desenvolveu-se, cumpriu a sua missão, enquanto viva, de pôr ovos, e, terminada a postura, chocou. A galinha era ageitadinha, como as mulheres costumam dizer, por isso arranjaram-lhe um aninhadouro para que ela cobrisse, não só os ovos que tinha posto, mas também os que lhe juntaram para completar as duas dúzias.

Passado o tempo da incubação, começou-se a verificar que uma grande parte dos ovos tinha gorado, e que dos pintalhos que tinham nascido, apenas quatro resistiram àquela espécie de cataclismo. Dir-se-ia, mesmo, que ficaram os suficientes para pegarem ao andar.

Os dias foram passando, e nada daquelas amostras de galináceos aumentarem de volume, tendo sido então resolvido enviar tudo para o campo, talvez a liberdade lhes fizesse bem. E, como em circunstâncias análogas, mãe e filhos foram colocados no cesto em que pernoitavam, cobertos com um crivo velho, e seguiram viagem à cabeça de uma mulher, para assim gosarem da maior comodidade.

Quando os viajantes se apearam do *wagon-lit*, constatou-se que a mãe, não se sabe porque, tinha ficado derreada, pelo que, quando caminhava, arrastava as penas do rabo.

Passaram-se semanas e mais semanas, a mãe abandonou os filhos por os julgar já em idade suficiente para ganharem a vida, mas o certo é que eles estavam pouco mais crescidos que quando tinham nascido. O tempo rodava e tudo se

mantinha no mesmo pé: a mãe, derreada, parecia um barco a meter água pela ré, os filhos, raquíticos, pareciam descendentes de um casal atacado de qualquer moléstia exquisita.

Um dia, já farto de ver aqueles bens *móveis* continuarem a constituir uma família de enfezados, resolveu desfazer-se de parte deles. E, assim, vendeu a meia galinha que lhe pertencia, à mesma pessoa (a mãe) que lhe tinha oferecido.

Teria sido boa a transacção, se, ao outro dia de efectuar a venda, a galinha não tivesse saído do poleiro como se nunca lhe tivesse acontecido nada.

Continuaram as semanas a sucederem-se, e os pintos não se resolviam a mudar de aspecto. Tudo caminhava como dantes, o seu crescimento fazia progressos como uma conversação diplomática. Farto de ser proprietário, tomou a resolução de propor ao sócio a cedência da sua cota. Firmado o contracto pelo dôbro do seu valor real, aquêlles pobres bípodes, como que deixando de sentir a influência de um dono *tam calixto*, começaram a desenvolver-se a olhos vistos, como que apostados é provar que, quem tem *galinha*, nem mesmo em galinhas deve negociar.

Francisco António

Há aflições que se não consola porque são mais eloquentes do que o discursar do homem, mais fundas e irremediáveis que a vaidade da sua orgulhosa ciência.

Rebêlo da Silva.

Vida Associativa

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil.

Sob a presidência do sr. Manuel de Magalhães, reuniu na passada quarta-feira, dia 15, a Direcção deste Organismo Corporativo, a fim de se informar o ex.º delegado do I. N. T. P. de Braga, acerca dos requerimentos das seguintes firmas:

Narciso de Sousa Lobo, da freguesia de Ronfe, pedindo autorização para trabalhar todas as secções da sua fábrica, mais 2 horas por dia, pelo prazo de 90 dias.

João Ribeiro da Cunha, Filhos & C.ª L.ª, de S. Jorge de Selho, pedindo licença para que os empregados da secção de acabamentos, cujos nomes indica, possam trabalhar 2 horas extraordinárias, pelo espaço de 30 ou 60 dias.

Fábrica de Rendufe, L.ª, do concelho da Póvoa de Lanhoso, pedindo que lhe seja concedida autorização para o seu pessoal trabalhar horas extraordinárias por dia, cuja concessão será correspondente a 5 dias que a fábrica esteve parada por motivo de avaria.

Joaquim da Silva Marques Rodrigues, de S. Martinho de Candoso, pedindo autorização para poder continuar a trabalhar, por tempo indeterminado, com o 2.º turno.

Vital, Almeida & Rodrigues, de Mascotelos, pedindo para que seja prolongada por mais 60 dias a autorização que lhe foi concedida por despacho de 7 de Outubro passado.

Foi, em seguida, dado o devido despacho à correspondência recebida, entre a qual se destacava um officio da Fábrica de Fiação e Tecidos da Abelleira, de Alfredo da Silva Araújo & C.ª, L.ª, pelo modo grosseiro com que respondeu a um pedido feito por este Sindicato, o que temos a lamentar.

Foi encerrada a Sessão, em virtude de nada mais haver a tratar.

O REGRESSO

(a António de Sousa Lima, com um fraternal abraço de BOAS-FESTAS.)

DOS velhos apontamentos de Paulo colhi esta história, — que é uma história trágica de todas as horas. Começa assim:

— Vai tão distante aquele Natal... Os velhos tinham lágrimas nos olhos, e o lume, pobremente, aquecia o lar. Duas crianças, — uma menina e um rapaz, — de cara suja, rôtas, descalças, estavam sentadas a um canto, brincando com os pinhões e as pinhas que a Avó havia ido buscar ao monte mais próximo da Senra — um lugar cheio de beleza pastoril, com suas cazinhas de pedra e còlmo e donde se avistava, lá muito no fundo, a velha cidade com suas velhas e bolorentas chaminés de vermelho tijolo enegrecido...

Paulo, interrompendo-me, disse-me: Desejo, nessa altura, fazer uma observação, que é, ao mesmo tempo, um comentário meu, muito pessoal; e ditou-me: A vida, na aldeia, meu amigo, nem sempre tem as suas virtudes; e, por vezes, dá-nos a impressão de ser mais uma alcatéia de lobos à espera das suas vítimas do que um lugar pacato, religioso, na paz tranqüila dos seus habitantes, que, salvo uma ou outra excepção, vivem uma existência de miséria e dôr, dobrada sobre a terra encharcada de lágrimas...

...E continuei a ler nos velhos apontamentos: — Quando as duas crianças continuavam brincando, na quietude serena e mansa da sua infância, uma delas — o mais velho — reparando que o Avô, encaminhando-se para a mesa, onde o pão alvo se casava com a brançura da velhinha toalha de linho e os pratos azuis de barro grosso, estavam já dispostos, chorava e tinha soluços abafados, as mãos apertadas, de olhos fixos para a porta, como a esperar alguém que ficou de vir naquela noite...

A esperança é a força que anima as almas em sofrimento! É o fogo a temperar a dôr eterna do homem...

As crianças faziam perguntas que ficavam sem resposta... E elas choravam também!

A mesma mesa sentavam-se a infância e a velhice — o futuro e o passado — vidas irmanadas pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas dores, pelas mesmas angústias... Os avós, mirando-se nos seus netinhos, olhavam-se numa ternura cheia de castas saudades, e as duas crianças, nos seus sorrisos de graça puríssima como o luar daquela noite distante daquele Natal, chamavam à vida real das coisas a alma dos dois velhos que a desgraça e a fatalidade uniram para fazer sofrer...

— Oh! Mãzinha! — disse a pequenita Lucinda, viva no seu olhar azulado e doce — porque chorar sempre que na nossa casa há mais pão e mais lume?

Havia tanta ternura nesta frase simples, ingênua, tanta beleza de sentimentos, que o avô, secando as lágrimas à manga do seu velho casaco dos Domingos e Festas de Guarda, abriu a boca em forçado riso e, pela mulher, dissimulando uma saída até à porta, como a oferecer à noite o seu próprio sofrimento, respondeu à netinha:

— A tua Mãzinha não chora... Não vêes que é o fumo das pinhas? Repara... Até eu mesmo choro...

E o «pai Jerónimo», aproveitando, na resposta, as suas próprias palavras, deixava correr pesadas contas de lágrimas...

II

— E' qui!...

Uma pancada, levemente batida na porta humilde da humilde cozinha, chamou a atenção dos seus moradores. O luar batia em cheio as serras e os campos, os montes e os vales, e o preguiçoso Ave, sussurrando, baixinho, doces murmúros de prece como um cântico de maguadas nostalgias, era um grande, imenso, interminável cristal onde as estrelas pareciam bailar com todas as almas em comunicação sagrada — na alegria perene da felicidade terrena...

A porta abriu-se como o sol que a todos aquece... — Boas noites nesta casa lhes dê Deus e muita alegria na sua grande festa! — Somos pobres e pedimos poisa por esta noite... Pelo caminho fomos juntando uns «gravetos» e algumas pinhas...

E os dois pobres, estendendo a lenha na soleira da porta, sentaram-se. Vinham cansados, traziam muitas e muitas léguas de caminho... Nem sabiam quantas...

— Deus os traga e bem os guie, exclamou o velho Jerónimo, de sorriso franco, que foi quem veio receber os seus hóspedes inesperados.

Os dois garotos continuavam a jogar os pinhões, e a «mã Zefa», pondo na mesa o largo alguidar vermelho atulhado de batatas, de «olhos de couve» e bacalhau, olhou, contente, os recém-vindos — quem sabe se carregados com a mesma cruz de martírios...

— P'raqui... P'raqui... — e o «pai Jerónimo» indicou aos pobres os seus lugares à mesa. Já que chegaram — disse — têm de comer... A cabeça da mesa sentaram-se os

velhos; e, em frente às duas crianças, os peregrinos daquela noite afastada de Natal.

Um dos pobres — a mulher — não tirava das crianças os seus olhos tristes, e disse, quasi ao ouvido do companheiro, — os nossos filhos!...

— Eu esperava alguém... como vêem pelo número de pratos... que nunca saíram do seu lugar. Somos quatro, mas nesta casa que Deus abençõe — «amen», responderam todos — vivem seis. Já os esperávamos... Já os esperávamos... Felizes somos pela vossa chegada, porque nos dão a doce esperança de ver chegar... quem nunca chega? Meu Deus! E tardam tanto!

E o velho Jerónimo era impotente para susten o curso das lágrimas. Dava às suas palavras tanta grandeza e comoção, que os pobres, entreolhando-se, baixaram os olhos. Choravam!

— Que luta — interrompeu Paulo — que luta heróica, meu amigo, a daquelas almas!

— Os olhitos de Lucinda, e os de seu irmãozito, fitavam os dois desconhecidos e sorriam-lhes. Dir-se-ia que queriam adivinhar quem eram e onde vinham, aquela hora, de tão longe, bater à porta mais pobre da Senra...

— Vamos a comer... — rogou, a voz presa na garganta, a «mã Zefa», chegando aos pobres o largo alguidar do cozido. Nós somos pobres, também, mas, graças a Deus, nesta noite chega sempre... É verdade que já vivemos bem — e suspirou, olhando o seu homem com maguada pena. Destinos do mundo... coisas dos homens! Se não fosse a caridade... Nunca se esquece dos que sofrem...

E para os netinhos, que a acariciavam com o olhar doce da sua idade: — Vá! Hoje não há razão feita; cada um come o que quer, mas que não vos faça mal, meus filhinhos!

Timidamente, Lucinda e seu irmão «Tónio», foram enchendo os seus pratos. Os pobres também.

— Nós, acrescentou o «pai Jerónimo», com pouco nos satisfizemos... O *estamago* não pode já... Agora, a *pinguinha*, essa é que vai... e encheu o covillete de bom vinho verde de Guimarães.

III

Acabavam de rezar quando o padre Zé da Igreja entrou. A porta estava encostada, e só deram conta da sua presença ao dar as suas «boas-noites» e desejar «festas alegres». Todos o cumprimentaram respeitosamente e as duas crianças, saíndo dos seus lugares, beijaram-lhe a mão. O bom sacerdote abençoou-as, passando-lhe, paternalmente, a mão pelas pequeninas cabeças. E foi sentar-se com elas no escabelo, ficando ao centro.

O silêncio prometia prolongar-se. Jerónimo foi o primeiro a interrompê-lo: — Hoje, o senhor abade, fez-nos tarde a sua visita! E muito obrigado pela *pinguinha*... É saborosa! É daquelas que fazem dar *estalinhos* no céu da boca... Tem sido o nosso Pai, depois de Deus, disse que os nossos filhos se foram pela barra fora... Ah! quando me alembro! Sinto um nó a apertar-me... aqui dentro... — e apontou ao coração — parece que abafó!

A mulher escutava-o de olhos presos no chão. Os pobres eram calados...

O abade tinha fama de santo, e o seu nome era pronunciado com respeito e veneração. Quem não simpaticizava muito com ele eram as beatas e os fidalgos da Cruz e da Lage. — Só se encontra bem no meio dos pobres, diziam, como se fossem eles a sustentá-lo! Nunca está na igreja a não ser pela manhã ou à hora do terço...

Um padre como o outro... não torna!... Sem faltar aos seus deveres, sempre o tinhamos a tomar chá conosco, ao terço, e mesmo ao piano...

O padre Zé sabia disto, mas não ligava importância. O ódio bem sabia ele donde partia... Que fizessem queixa ao arcebispo. Homem e padre, a sua consciência de nada o acusava. Era pelos pobres, — eis o que lhe mandava a caridade cristã: consolar os tristes, ajudá-los no seu calvário — este mundo de atropêlhos onde os ricos se julgam sem deveres e só com direitos...

— E' verdade, meu velho Jerónimo! Vim mais tarde... Outras visitas... outras visitas... A última é a tua! Mais do que os ricos precisais vós, todos os pobres, de mim e de vós... Se aqueles não esquecem os altares com uma toalha rica, bordada a fios de ouro, os pobres não falham com as suas esmolhas, que, sendo pequenas, são grandes aos olhos de Jesus! Vaidade ostensiva de uns, só para serem falados nos jornais... De resto, que lucra a igreja com tanto luxo? E dizia estas palavras com tanta máguia na voz, que ele próprio se comovia.

A «mã Zefa» continuava de olhos no chão e mãos abandonadas no regaço. Nossa Senhora do Sofrimento com a alma e o pensamento muito longe.

O abade acordou-a do seu sonhar: — Então? Que é isso?

— Mais um ano... mais um ano e os meus filhos sem virem!

— Eles virão, senhora Josefa! Eles virão!... Temos fé em Deus! E já que falamos neles agora, e nesta hora santa, vou dar-lhes uma agradável notícia. Eu esperava outra ocasião, prepará-los para os bem receber, acautelá-los talvez de um desastre... sim, eu não sei se um de vós, ou mesmo os dois resistiriam à alegria de tornar a abraçar os seus filhos...

Os velhos estremeeceram, com as lágrimas a brilhar em suas faces rugadas.

Sabe então de alguma coisa, senhor abade? Diga-nos depressa... tire-nos desta sufocação! Vamos ver então os nossos filhos, os filhos da nossa alma!

— Deus não dorme! O *Quim* descobriu o autor do assalto... No meio da *malta* estava o desgraçado a cumprir outra pena. De conversa em conversa o vosso filho chegou à certeza de que entre os seus companheiros de prisão estava o que assaltou a propriedade... Deus não dorme! Eu estava certo da inocência de ambos... Não me quiseram ouvir... Então, o *Quim*, chamou o director do presídio e contou-lhe o que ouvira ao preso 34. Quanto à vossa nota, que o próprio tribunal estava certo da sua inocência, mas que a condenou por se tornar cúmplice e as testemunhas a *carregarem*, está em liberdade há muitos meses. Valeu-lhes o seu bom comportamento e uns três indultos... A esposa do governador tomou-a ao seu serviço e tem prestado ao *Quim* todos os seus benefícios... Está ao serviço do governador da Província e, como bom lavrador, é êle quem está a dirigir os serviços agrícolas. Também o seu comportamento era exemplar, e tanto assim, que mesmo antes de fazer a sua *descoberta*, tinha a confiança do director, permitindo-lhe uma liberdade condicional...

As crianças, ao ouvi-lo, impelidas pelo sentimento da própria voz do sangue, perguntaram, olhando os avós como a pedirem-lhes licença: — Vamos ver os nossos pais? Nunca os vimos... E falta muito tempo... Quantos anos?...

Tinham de cor esta frase — tantas vezes a ouviam da boca dos velhos.

O bondoso homem sorriu-lhes: «Não, meus meninos!» E continuou, fitando os seus ouvintes:

— E estão bem *calçados*... na África ganha-se muita dinheiro e a senhora como o governador vestem-nos... Parecem fidalgos! Vão vê-los, um dia, quando chegarem...

«Mã Zefa» e «pai Jerónimo» não conteram as lágrimas. Choraram por largo tempo e beijaram os mãos bondosas do padre Zé, que mal distarcava a comoção que lhe ia na alma. Deixou-os chorar, desabafar à vontade: as lágrimas são como as orações — aliviam e trazem à vida os desgraçados. O velho lavrador, levantando os olhos em pranto, exclamou como despertado dum sono pesado: — Parece que já os estou a ver... — E eu também, repetiu a esposa, tentando sorrir para os pobres, em atitude de súplica para o olhar do abade.

— Estão a vê-los, sim! As lágrimas e o vosso amor cego não vos deixou vê-los ainda! E tomando entre as suas mãos as das crianças, o bom do abade chegou-se junto dos peregrinos daquela noite afastada do Natal, e disse, vendo-se duas lágrimas rolarem sobre o seu rosto bondoso: — A melhor prenda, do Menino Jesus para vós, meus meninos: beijai a mão dos vossos pais... E, curvando-se diante dos velhos, acrescentou: — é o Regresso!

Não posso descrever a cena que se lhe seguiu — disse Paulo. Sei que também chorei.

Os sinos repicavam festivamente e o padre Zé, acompanhado daquelas almas de sacrifício, encaminhou-se para a igreja. A celebrar a «Missão do Galo».

A lua cheia estava a pino e o preguiçoso Ave continuava no seu sussurrar de prece, juntando-se à voz cristalina das moças cantando novenas ao Menino.

Porto — Natal de 1937.

Domingos Ribeiro.

O homem enredou-se de tal forma na ambição, no ódio, na guerra, que perdeu o sentido da vida — *tam simples e tam larga* — e que deixou de ver Deus, sempre presente ao seu lado. Para o encontrar, precisa de voltar ao amor das coisas simples e grandes — ao amor dos seus irmãos, da natureza, e de abrir o seu coração a esse fluido misterioso.

Raúl Brandão.

O amor à Terra e à Grai — eis o nosso lema.

Cântico de Humildade

DE regresso ao Lar Natal, — donde certo dia, deslumbrado pelo fulgor de estranhas miragens, êle confiadamente partira, cheio de esperanças e de mocidade, — o caminheiro deteve-se na orla do monte, enloirecido pelos beijos primeiros do sol acalentador: e seus olhos embaçados, onde se adivinhava o fundo desalento de sonhadas venturas que não chegaram a florir, abarcaram as encostas e o vale tão seus conhecidos, onde os telhados das vivendas obscuras já evolavam esgarçadas véus de fumo azulado, e a enxada cantava, rebrilhante à luz doirada e fecundadora, osculando o seio da terra escura...

E, cruzando as mãos nodosas e trementes sobre o rude cajado a que amparara seu jornada vacilante e desiludido, o caminheiro levantou o quebrado olhar para o céu limpo, que as avezinhas docemente riscavam com seus tímidos vôos matinais, e amorosa, doloridamente, assim falou:

— Bendita seja a minha terra natal, que, perdida no arraial de côres dos longes admiráveis, eu entrevejo, muito garbosa e modesta, muito sossegada e linda, humildemente aninhada no sopé da montanha altaneira: bendita seja, por que nela habitaram meus avós, nela nasceram meus pais, e nela abri, a luz da vida, a branda luz dos olhos meus: bendita seja, pelos affectos que nela criei, e por tudo o que nela me encantou; e também pelas muitas saúdes que fêz despertar em meu coração quando o destino vário para distantes paragens me afastou...

Benditas sejam as árvores frondosas e virentes, onde se amansa a furiosa cavalgada dos ventos daninhos: por que elas nos dão a sombra amiga, e o conforto da pousada, e alimentam o lume sagrado da nossa lareira...

Bendito seja o duro granito das colinas alterosas: por que êle se deixou afeiçoar e ergueu, na cangosta, a morada rústica do trabalhador...

Benditos sejam os rios que encham de coleantes tranças de prata a grácil paisagem idílica: por que as suas águas, inquietas e sussurrantes, enlaçando o rodízio dos velhos moinhos solitários, ajudam a triturar os loiros grãos que se não de transformam no pão amargurado dos simples...

Benditos sejam os mansos regatozinhos que, bailando e cantando, alegremente se espalham pelas extensas veigas esmeraldinas: benditos sejam por que, na sua amorável jornada de frescor, oferecem à terra ressequida o filial abraço do seu muito bem-querer...

Benditos sejam os estreitos carreiros da serra, e os agrestes atalhos aldeãos: por que êles, ao tombar da noite, guiam para a cabana acolhedora, para o fraterno ninho de affectos, os passos lestos do cavador...

Benditas sejam as fontes singelas dos caminhos, onde as almas enamoradas se quedam a desfiar o rosário encantado de suas mais ternas ilusões: benditas sejam, pelas reconfortantes esmoladas de água que ofertam à boca sequiosa do viandante...

Benditas sejam as meigas avezinhas que, ao dealbar da madrugada, me vêm trazer, com seu festivo chilrear, a jovial saudação ao dia amanhecido: por que elas são humildes como a alma ingénua dos pobrezinhas que mendigam, rezando, de mãos postas, pelos portais das herdades acolhedoras...

Benditas sejam as cândidas florzinhas que bordam de capri-

chosa fantasia as viçosas laideiras campesinhas: por que delas entreteci eu, comovidamente, os mais lindos ramalhetes que dediquei ao colo moreninho do meu primeiro amor...

Bendita seja a voz das coisas mansas, — fonte de eterna graça, perpétua graça dos sentidos meus: por que ela é enleante e saudável, como o beijo-máter do sol fecundador: suave, e arroubadora, como a branca luz do luar maravilhosos: e clara, e linda, e cantante, como veio de água cristalina em perene reza de seu muito-amar! Bendita seja a voz das coisas mansas, por que ela nos envolve a alma, fazendo-a ajoelhar, contritamente, em humildade, e amor, e supremo encantamento!...

Em vésperas de Natal.

Salvador Dantas.

Na volta do navio

(A' minha adorada Mãe, saudosamente)

— Minha Mãe: Santa Mãesinha:

Que tenhas saúde a ródos
E esta carta chegue asinha
A' nossa velha casinha,
Com abraços para todos.

Quem vive longe reprovava
Tardias letras; — receio
Duma doença ou má nova?
Surge no rosto uma cova...
Vá de culpar o correio.

Como seria sublime
(A Saudade é um tormento
Perene que nos oprime!)
Se a carta — que pouco exprime! —
Fosse nas asas do vento.

Esta cidade fulgente
Não extingue, sendo linda,
Saudades à luz gente:
— A Saudade é luz infanda...
— Facho, no peito, mordente...

A baía GUANABARA
E' dum encanto profundo!
Tão opulenta e avara!
Duma beleza tão rara!
Incomparável no mundo!

Olho a Natureza e nem sei.
Quadro soberbo, é verdade!
Colosso! Sumptuosidade!
PÃO DE AÇÚCAR — é um Rei!
CORCOVADO — a Majestade!

A's vezes, embevecido,
Deito os olhos para a barra
— Grande portão denegrido: —
Os nossos sonhos agarra
E os arremessa ao bramido.

Baixo o rosto como os velhos,
Evocando-te; e em ti penso,
Em teus ditos, teus conselhos,
E curvo-me até os joelhos,
E levo aos olhos o lenço.

A terra é boa, em geral.
Mas (sempre o mas... de desgosto!)
Se as coisas nos correm mal,
Logo se estampam, no rosto,
Saudades de Portugal!

Vendo um paquete, um navio
De chaminés fumegantes,
Sinto uma onda de frio:
— Trazem lévas de emigrantes...
— Levam saudades a fio...

De há tempos, uma tristeza
Envolve o meu coração:
— E' que a gente portuguesa,
De olhos fixos na riqueza,
Abandona o seu torrão.

Uma tristeza infinita,
Indizível e sem par
Faz a minha alma contrita
Ante a loucura maldita
De tão mesquinho emigrar.

Homens robustos e fortes,
Como são os portugueses,
Pondo de parte os revezes,
Embarcam, buscando sortes,
E sem sorte, quantas vezes?!

Povo louco! Povo bravo!
Sendo na Pátria feliz,
Prefere ser fóra escravo,
Comer pão de amargo travo,
A ser senhor no País!

Emigrantes! Caminheiros!
Sonham... e, deixando os lares,
Como ousados pioneiros,
Correm, saudososromeiros,
Longínquas Terras e Mares!

Ao menos, se êles tivessem,
A' chegada, o principal,
Pessoas que os protegessem,
Casa e terra onde pudessem
Viver como em Portugal!

Nada tem a maioria.
Alguns, tão páldios, brancos,
Despresados — quem diria!
— Vagueiam de noite e dia
E fazem cama nos bancos...

O culpado? — o nosso povo
Não satisfeito e febril
Que sonha com o BRASIL
— País rico, franco e novo,
Hospitaliteiro e gentil!

Misero sem protecção
E', quando muito, lixeiro;
Outros vivem do pregão:

— «Garrafeiro! Garrafeiro!»
E outros: nem sei o que são!

Muitos, ao Sol, abrazados,
— Carne assada do calor... —
Em trabalhos maus, forçados,
Parecem uns condenados,
E dão graças ao Senhor.

Sim. Também há os ricos
— Nababos de ouro, a sorrir! —
Que vêem mil embarços
Nos patricios de bons braços,
Se auxílio lhes vão pedir.

Chegam da Europa navios
— As cidades flutuantes —
Fumegando, fugidios,
Com centenas de emigrantes,
— Irmãos côrados, sádios.

Olho as almas iludidas
E olho as ondas do mar:
— São duas forças parçadas,
Poderosas, incontidas,
Constantemente a lutar.

Lá vão os barcos. E, além,
Vejo, à distância de milha,
Fumo, e a tristeza me vem:
— Se eu fosse no alto da quilha,
Para abraçar minha Mãe!

Sem querer lanço ao papel
Este desabafo, assim...
A Saudade é para mim,
Dia a dia mais cruel,
E' dum apêgo sem fim.

Trago comigo o receio
Desta ansiedade passar...
— Ah! minha Mãe! como anseio
Abraçar-te contra o seio,
Tão farto sou de esperar!

E' permanente o intuito
De te ver, Adoração;
— Oxalá não falte muito!
As saudades em circuito
Torturam-me o coração!

Termino, bôa Mãesinha.
A tua bênção me dá.
Abraços na gente minha.
Adeus, querida Vêlhinha.
— Despontia, breve, a manhã.

Rio de Janeiro, 1929.

Loão Martins.

EM MOREIRA DE CÔNEGOS

UMA FESTA ESCOLAR

Sob a presidência do sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, representante da Câmara Municipal —, ladeado pelos srs. Tenente Artur Lameiras, Administrador do concelho, p.º Armindo Dias, Tenente Manuel Rebelo da Cruz, delegado do Comandante distrital da Legião Portuguesa, Francisco Pereira Mendes, da União Nacional, dr. José Francisco dos Santos e Horácio Machado, da Junta de Freguesia, realizou-se na Escola Masculina de Moreira de Cónegos, de que é professor o sr. Hugo de Almeida, uma sessão de são nacionalismo, no passado domingo, pelas 15 horas.

Discursaram com elevação os srs. Tenente Artur Lameiras, dr. Augusto Ferreira da Cunha, Horácio Machado e o professor Hugo de Almeida. Todos os oradores receberam fortes aplausos. As crianças das escolas recitaram poesias de carácter nacionalista e entoaram os Hinos da Mocidade, Nacional e outras canções escolares. A numerosa assistência que enchia literalmente o salão dispunha as crianças muitas palmas.

Aos convivas foi oferecido um copo de água, em que brindaram os srs. Francisco Pereira Mendes, que profereu considerações de elevado saber doutrinar, e Tenente Manuel Rebelo da Cruz e dr. José Francisco dos Santos. Agradeceu, em nome da comissão organizadora, o professor Hugo de Almeida.

Abrilhou esta memorável sessão a Orquestra Vimaranesa, sob a regência do sr. António Guise.

O salão da escola encontrava-se artisticamente engalanado.

A's crianças foi distribuída uma merenda. Esta festa, cheia de encanto, graça e de elevadas finalidades morais, agradou plenamente a todos os assistentes.

Itinerários

(Seguido da página 3)

ra as terras. Dou-lhe do meu pão e do meu vinho. Não lhe peço serviços, nem trabalhos — não vá sujar as ricas mãos. Julgo bem que tudo ficará assim arrumado. Comprou o Marcelino a quintazinha do Cedro? Pois comprou-a com o dinheiro das missas, dos sermões e dos entêrros. Missas, sermões e entêrros que êle disse e fazia por o Pai o haver ordenado à nossa custa. A herança da família é pois, e só, muito minha: como a única árvore de raiz, os pés metidos na terra e os filhos nos braços.

Bebeu ansiadamente outro golinho; já desaguado o moço, largaram a caminho.

— Ora vamos lá a ver isso.

(Continua).

Eduardo d'Almeida.

A alma das Coisas

UMA sala ricamente mobilada, em cujos móveis estão dispersas preciosas bugigangas, e belas gravuras pelas paredes; entre outras vê-se uma representando o incêndio de Roma, e Nero contemplando-o, coroadado de louros e tangendo a lira. No centro, sobre um estrado, uma grande árvore do Natal, garridamente adornada. O estrado onde a árvore assenta está recamado de musgo. Nele se espalham todos os figurantes da cena encantadora do Presépio, trabalhados com perfeição notável, mas, a quasi obra prima, é o Jesus rechonchudo e róseo, pela sua doce e grave expressão. Perto, como fazendo sentinela, um grande Pai Natal, de longas barbas de neve, mostra-se em toda a sua imponência.

Reina uma semi-obscuridão, pois os candelabros estão apagados e a luz vem apenas das pequeninas lâmpadas de côr que adornam a simbólica árvore.

Tôdas as cadeiras estão fóra do seu lugar, pelo que se vê que um grupo numeroso desertou, talvez não há muito da sala.

Um relógio antigo deixa cair as 12 badaladas da mística hora do Nascimento, ao som harmonioso de alguns compassos de um minuete de Boccherini.

Sobre um contador, uma dama antiga com o seu cavalheiro, em atitude de dança, reliquia da célebre fábrica do Rato, agitam-se numa volta, terminando êsse passo de dança há tanto esboçado.

Sente-se que a alma das coisas vibra, e que um fluido magnético e perturbador tocou até os seres inanimados.

O Velho Pai Natal (erguendo a fronte veneranda): — Bôas Festas... Bôas Festas... A hora da redenção sou para os homens. Saúdemos o seu Deus, Deus Homem, que, nesta festa encantadora, volve a ser menino. Saúdemos, pois, a sua imagem que nos sorri em louros palhas.

Todos os objectos (entusiasmados): — Saúdemos! Saúdemos!

Pai Natal (continuando): — Eu sei que êste, como não está bento, pouco valor tem para os homens. Assim, será talvez para êles pura ficção, mas para nós que também o somos, pensamos muito diferentemente.

Qual de nós, seres humildes, que o capricho do homem deu vida numa maior ou menor rajada de génio, teria a ousadia de se manifestar perante Deus vivo?!

Objectos: — Nenhum! Nenhum! Saúdemos, pois, neste a imagem de Aquele que foi o Rei dos Reis, e cujo reino não era dêste mundo. Veneremos nós, que nunca existimos, a imagem de Jesus Menino, o divino Redentor, que existiu e sofreu de puro Amôr pela humanidade.

Da gravura do incêndio de Roma, sai áspera a voz de Nero.

Nero: — Não digas sandices, vélho louco. Por Júpiter, nunca ouvi tanta asneira.

Com que então, eu também não existi? (Com ênfase) Olha que fui um poderoso imperador!...

Todos os Objectos: (— com violência): — Fóra a féra. Cala-te sugador de sangue e vergonha da humanidade.

Nero (recalcitrante): — Vergonha porquê? Eu vivi e fui grande...

Pai Natal (severo): — Por vergonha tua e dos homens, viveste, sim, mas nada foste; eras misero pó e nojenta lama, pois tanto e tanto criste.

Que fizeste dos pobres cristãos? Mártires, tais foram os requintes de fera com que os perseguiste, e ousas erguer a

voz quando se fala do Menino Deus?

Nero (desdenhoso): — E que fez Ele para que Lhe chameis vosso Deus?

Pai Natal (indignado): — O que fez, misero chacal?

Com o seu nascimento sou a hora da Redenção dos homens; ressuscitou mortos, curou leprosos, e pela sua vontade, os homens rudes que eram Seus apóstolos, tornaram-se inteligentes e doutos.

Com uma palavra, um sorriso, infiltrava nas multidões a luz poderosa da graça.

Qual o homem que não fosse Deus, poderia levar milhares de almas a preferirem a tortura, a morte, o martírio, a traição ou apostasia!

Recorda-te de Saulo que odiava os cristãos. Pois a uma pergunta de Jesus caiu humilde e constricto, e foi S. Paulo depois. Levaste-o ao martírio, lembra-te?

Nero (sempre desdenhoso): — Sei lá... êles eram tantos...

Pai Natal (amargamente): — Tu o disseste; sim, eram muitos, e a todos que podeste levaste à morte, e por isso se diz: cruel como Nero.

Nero (triumfante): — Sou ainda lembrado e dizes que não sou ninguém.

Pai Natal (meneando a cabeça): — Triste celebridade.

Nero: — Procedi a meu gosto... Vês esta gravura? Vês Roma presa das chamas? Pois fui eu o seu autor, e tam grandioso foi o meu feito que ainda aqui estou perpetuado.

Pai Natal: — Não. Grandioso não é o termo: diz antes horroroso.

E até nisso tu procuraste ainda alvejar os cristãos, dizendo à população terem sido êles, e não tu, o criminoso. Mas êstes triunfaram, e tu tiveste de morrer miseravelmente.

(Veemente) Repugnas-me; cala-te, sombra maldita.

Todos os Objectos (alvorotados): — Que se cale... temos-lhe asco, nojo...

Um gladiador de bronze (cópia do célebre gladiador do Louvre): — Que se cale; nós temos contas antigas, e todos juntos despedaça-lo-emos.

Um busto de Seneca (de sobre a secretária): — Calar-se-á, creiam. Ele é covarde, e ninguém, infelizmente, o conhece melhor que eu.

Por um momento reina na sala um silêncio triste, quasi trágico.

O Vélho Relógio: — Então emudecemos? Nada de tristezas... Se querem, toco-lhes o meu minuete.

O par dançante: — E nós dançamos...

Um anjo (dos que adornam a árvore): — Para onde foi o grupo ruidoso que nos cercava?

Pai Natal: — à missa da meia noite; só ficou o gorduchinho Lulu com a sua ama.

Outro anjo: — Pareceu-me ver esta tarde Jesus sorrir para êle... é lindo, o pequerrucho.

Pai Natal: — São todos encantadores. Seis crianças, numa só casa, seis bênçãos de Deus.

Mas não devem tardar, tratemos da nossa homenagem. Digamos como um anjo do presépio: Glória à Deus nas alturas, e paz aos homens...

Um outro anjo da árvore: — E' isso possível sem milagre?

Pai Natal: (sériaente): — Acabem as interrupções. Associam-se todos a êste voto?

Todos os objectos (vivamente): — Sim, mil vezes sim.

Pai Natal: — Então principiou, e que cada um louve como sabe.

Foi o sinal. O relógio repe-

tiu o minuete, o par dançante bailou mais ainda e tudo bailou ou cantou como pôde.

Até as ovelhinhas do presépio baliram, o burro zurrrou, e a vaca mugiu.

Todos os brinquedos da árvore se agitaram, mas os sinos de vidro colorido tanto tentaram tocar que todos partiram. Sômente Nero, do alto, fazia visagens de desprezo, mas não se atrevia a falar.

Pai Natal (enternecido): — Muito bem, meus filhos, estou satisfeito convosco. A alma das coisas palpitou em vós, pois por graça do Deus Menino, tivemos vida por minutos.

Que cada um volva à sua posição habitual, pois já oíço de regresso da missa a família da casa.

Ouvem-se vozes e passos. Alguém dá volta ao comutador e a luz do lustre surge tudo iluminando.

São as crianças e a mãe. A mais nôvita, a Lindita, tem 5 anos, e, coitadinha, resistiu ao sono que a chamava insistente para junto de Lulu.

Lindinha (admirada): — Mãe, manos, todos os sininhos da árvore estão partidos!

Os irmãos (numa só voz): — E' verdade!

A Mãe (surpreendida): — E' realmente esquisito... mas deixem-se de conversas, são horas de dormir.

Depressa, todos os sapatos no fogão da sala, salvo (concluiu com malícia) se algum menino não quere brinquedos.

Tôdas as crianças vão colocar no sitio competente o seu calçado.

Lindinha (curiosa): — E' o Jesus quem manda, mas o Pai Natal é quem traz, não é?

A Mãe (sorrindo): — Decerto, mas parece que o Jesus vem também...

Outra criança: — E' bom que venha, pois pôde o Pai Natal esquecer algum menino.

Lindinha (abrindo os olhitos admirados): — Pode? Que pena!

Mãe: — Meninos, vamos. Boas noites, e juizinho para que Jesus os estime.

Saiem todos. Por uns escasos dez minutos reina silêncio na sala, depois uns passos cautelosos e miudinhos sentem-se no corredor, e Lindita em camizinha de noite, que lhe trava os pés pequeninos, e com os loiros caracóis desgrenhados, mas mais linda que nunca, assôma à porta. Vem até junto da árvore, tremendo de frio mas resoluta, e baixo, para que ninguém a pressinta, começou a falar:

«Jesus pequenino, não sei se me conheces; eu sou a Lindinha, e tenho cinco anos. Todos dizem que sou bôazinha e obediente, pois faço poucas tolices.

Eu vim aqui para te pedir que não te esqueças de mim, e para te dar um beijo».

Debruça-se delicadamente até à pequena imagem — que por milagre da sua candura lhe sorri — e depõe-lhe um beijo respeitoso.

Ergue-se, como para ir embora, hesita, e vem gentilmente abraçar o vélho Natal, e diz-lhe: «O meu Papá Natal, ora tu que carregas com os brinquedos, mereces bem um agradecimento — coitadinho, ninguém de ti se lembra —. Queres um beijo meu?»

Com toda a graça do seu coraçãozinho onde a ingratidão não achou ainda lugar, beija-o também, e nas pontas dos pés descalços, voltou para a sua fófa caminha.

O Vélho Natal, que superior e indiferente a tudo atravessa o mundo, comovido por aquêl carinho jamaís sentido, sem vergonha, chorou.

Natal de 1927.

Zita da Portugal.

A Festa da Família...

DECORRIDOS longos séculos sobre a comemoração da FESTA DA FAMÍLIA, sucedendo-se umas após outras transformações sociais profundas, nem por isso a Humanidade, sempre fiel à tradição, a deixa de festejar.

Todavia, este "tacitus consensus populi longa consuetudine inveteratus", como lhe chamariam os romanos, alquebrado e até certo ponto adulterado, mostra-nos um páldio reflexo do que foi, uma tênue linha que mal chega a divisarse. A descoberta da máquina, que substituiu o braço do homem em quasi todos os sectores da sua actividade, implantou no mundo uma nova ordem de coisas — o *desequilíbrio social* que não é fácil de remediar-se.

Dum lado o mais áspero dos infúrnios. Do outro o predomínio cada vez mais assustador das grandes fábricas que de dia e noite produzem milhares e milhares de utensílios que foram logo do seu aparecimento a ruína da humanidade. E nesta emergência, constatada a inutilidade do braço do homem e adicionadas as desmedidas ambições que assolam de polo a polo o mundo inteiro, a FESTA DA FAMÍLIA não exprime de modo algum o significado legado pela posteridade e que todos desejariam na hora presente.

Quando observamos o mundo em luta aberta, preparando-se por tudo e por nada a metralhadora, o canhão, etc., etc., as únicas armas com que os homens erradamente julgam fazer triunfar o seu direito, estamos em face duma desorganização a que é preciso pôr-se cõbro.

Quando vemos as lutas familiares, produto de circunstâncias várias, abrirem profundas brechas na sua continuidade, quando na época presente a dissolução dos bons costumes é a preocupação máxima, como ajustar-se o conceito da FESTA DA FAMÍLIA?

Mas já que o mundo anda tam revolto, tam sem norte e sem leme que o leve a bom pôrto de salvação, ao menos procuremos compreender o significado verdadeiramente grandioso e humano da FESTA DA FAMÍLIA.

E nós só o poderemos compreender e ver realizado, se erguermos um edificio sóbrio mas sólido que tenha por alicerces a moral e por cúpula a paz que só se pôde fazer com a própria paz. Enquanto insistirmos em lutas intestinas, enquanto fomentarmos neste e naquele o ódio e a maldade, enquanto não soubermos con-

temporizar, porque só assim nos é possível preparar um futuro que esteja de harmonia com a função do homem na terra, nem a Humanidade transviará do caminho escuro em que se encontra, nem e como consequência, a FESTA DA FAMÍLIA passará de mera necessidade comercial sem essência e objectivo espirituais. E' velha a praxe de levar aos pobres nestes dias o indispensável para uma noite de aconchêgo. Porém, o pão de espírito, aquele que administrado com prudência produz efeitos magníficos, esse raramente salta o degrau da humilde e pobre choupana. Velho é o ditado de que nem só de pão vive o homem, e quantas vezes a revolta é evidente sem que seja legítima.

Se a alimentação é a condição *sine qua non* da existência do homem, a sua ponderação e conduta são também as condições primordiais da subsistência do agregado social. Juntemos portanto tudo. Levemos ao pobre o óbulo, conforme as nossas posses, mas nunca lhe esqueçamos de inculcar no ânimo a *ordem*, pois sem ela não há sociedade e quanto mais revoltado se mostrar, menores serão as possibilidades da sua melhoria social.

Sirva-nos a FESTA DA FAMÍLIA, não para exteriorizações luxuosas e inúteis, não para demonstrações de grandeza e supremacia, mas para emendarmos em pura comunhão de ideias, os desmandos de que só o homem tem culpa.

Procure-se que a FESTA DA FAMÍLIA se não perca nos ridículos fumos de festa mundana onde aparecem as maiores chagas, mas antes se aproveite como óptima oportunidade para consubstanciar novos princípios de fraternidade e solidariedade universais, sem os quais o mundo não pôde marchar e sem marcha mais ou menos lenta não há progresso.

Não o progresso que alcançamos até hoje, quasi sempre pôsto ao serviço do extermínio da humanidade, mas progresso no sentido exacto da palavra — *melhoria das condições sociais de todos*.

Assim contribuiremos para uma nova civilização, menos deletéria e vaidosa, menos feita de manhas e artifícios, menos assediada por balões de oxigénio, ao mesmo tempo que raiando uma nova aurora, melhor nos integraremos no altíssimo e fundamental conceito da FESTA DA FAMÍLIA.

Só assim a vida será outra, com fisionomia diferente da de agora, mais justa, mais humana, mais risonha e produtiva, e então deixará de ser o inferno dos vivos, para se poder viver com a cidade irrequieta e turbulenta, quer na aldeia de poesia sem fim, na tam almejada paz que os homens, entre champanhes e licôres, pretendem compor...

1937.

Domingos Gomes.

Uma homenagem de gratidão ao Sr. António José Pereira de Lima

Promovida pela Mês Administrativa da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, realizou-se no domingo a anunciada homenagem ao ilustre secretário da mesma corporação religiosa e antigo administrador do concelho Sr. António José Pereira de Lima, actual vice-presidente da Câmara que, pelas suas elevadas qualidades de carácter e trabalho e ainda pelos actos de benemerência que pratica a todos os momentos e pelo acentrado bairrismo, tantas vezes manifestado, merece a simpatia e o reconhecimento da Cidade inteira.

A homenagem teve início ás 11 horas com uma missa que, em acção de graças pelas felicidades do homenageado, foi celebrada pelo rev. José Maria Leite, no templo dos Santos Passos, assistindo a msa, o homenageado e sua família, muitos amigos e admiradores do sr. António Lima, diversas senhoras, Colégio de N. S.ª da Conceição, internados do Asilo de Mendicidade dos Santos Passos, etc.

Após este acto religioso teve lugar na sala das sessões uma brilhante sessão solene, a que presidiu o ilustre Provedor sr. José Pinheiro, secretariado pelo Prior de S. Sebastião sr. P.º Augusto José Borges de Sá e pelo antigo Provedor, sr. dr. Adelino Jorge. A assistência era igualmente numerosa e selecta e entre ella vimos os srs.:

Dr. Alfredo Peixoto, P.º Gaspar Nunes, P.º António Teixeira de Carvalho, P.º José Maria Leite, António Emílio da Costa Ribeiro, Atonso Costa Guimarães, António José Pereira Rodrigues, José de Sousa Lima, Dr. Joaquim Augusto de Barros, José dos Reis Teixeira, Jerónimo Sampaio, Fernando da Costa Setas, Constantino Santoalha, José Gilberto Pereira, Gualdino Pereira, Capitão Vieira de Andrade, José Martins Fernandes, Benjamin da Costa Matos, Gaspar Ferreira Paül, Alberto Teixeira Carneiro, Egidio Marques, Alberto da Cunha e Castro, Luis Faria, Joaquim Azevedo, Eugénio Vaz Vieira, José Fernandes da Silva Correia, José Maria Felix Pereira, João António Sampaio, António Luis da Silva Dantas e José Gualberto de Freitas, etc. etc. e muitas Senhoras.

O sr. José Pinheiro, em nome da Mês a que dignamente preside, leu o seguinte discurso:

«Ex.º Sr. António José Pereira de Lima:

A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos em sessão a que V. Ex.ª não assistiu e da qual nem sequer teve conhecimento, resolveu mandar colocar na galeria dos seus benfeitores o retrato de V. Ex.ª como preito de indelével gratidão e sentido reconhecimento pelos grandes serviços que V. Ex.ª, há anos, vem prestando a esta casa de beneficência.

A mesa, a que tenho a honra de presidir, ao tomar esta deliberação tinha a certeza de que interpretava o sentir e pensamento dos irmãos desta colectividade.

Todos, sem qualquer distinção, tem por V. Ex.ª a estima e respeito que merece o Homem que, pelo seu trabalho conseguiu um lugar de alto relevo no meio industrial, que pelo seu carácter soube marcar um lugar inconfundível ao lado dos homens de bem e pelo seu altruísmo, mais do que isso, pela sua caridade conquistou o coração das classes desprotegidas.

Meus Senhores:

Nesta época confusa e perturbada em que quasi se não chega a saber o que cada um quer; em que uns atropelam os outros, na ansia insoufrita de procurar, com egoísmo quasi criminoso, o bem estar, esquecendo, senão desprezando os que sofrem, é consolador encontrar homens, como António José Pereira de Lima, que põem de parte os seus mais legítimos interesses, as suas comodidades, o seu dinheiro e até a sua saúde e fa-

mília para trabalharem com entusiasmo e dedicação pelo bem comum.

António Lima, na Administração do Concelho — o administrador dos pobres, como lhe chamavam, — nas instituições de beneficência em que tem servido — o irmão benemerito — e na sua fábrica, onde cada operário é um seu amigo e quasi um seu companheiro, tem demonstrado sempre, dum modo inconfundível, que os que precisam podem confiadamente contar com elle.

Ex.º Sr. António José Pereira de Lima

Não são os mesários que tem a honra e prazer de trabalhar com V. Ex.ª na direcção desta casa, quem lhe presta esta homenagem de reconhecimento. São os velhos que esta instituição ampara e socorre, são as creanças que ella educa e instrue que, por nosso intermédio, vem agradecer a V. Ex.ª o muito que por ellas tem feito».

Seguidamente a aluna do Colégio de N. S.ª da Conceição, Odette de Magalhães Carneiro saudou em nome de todas as suas colegas, o homenageado e o interessante menino José, netinho do homenageado, procedeu ao desceramento do retrato. Uma estrondosa salva de palmas ecoou em toda a sala e os sinos repicaram festivamente e uma internada do azilo, num gesto enternecedor, lançou sobre o retrato muitas pétalas de flores, traduzindo assim o reconhecimento e a eterna gratidão de todas as velhinhas. Usaram depois da palavra para se associarem à justa homenagem, e fizeram-no em breves mas brilhantes discursos, os srs. P.º Augusto José Borges de Sá e Dr. Adelino Jorge, que foram muito aplaudidos.

Por último levantou-se o homenageado que num breve discurso, manifestou o seu reconhecimento não só aos promotores da homenagem mas, ainda, a todos quantos a ella se associaram.

Comemorações Vitorianas

A consagração dos Campeões do Distrito de Braga — O Feminino Atlético Club do Pôrto, em Guimarães — Uma conferência do Ex.º Sr. Dr. Américo Durão — Um banquete de homenagem ás equipas vencedoras

A Direcção do Vitória Sport Club, não querendo deixar passar em claro a consagração das equipas que tão brilhantemente conquistaram o maior título da competição official do Distrito, deliberou promover comemorações vitorianas, enriquecidas com números de surpreendente interesse.

Acitando o convite que lhe foi endereçado pelo Foot-ball Club do Pôrto, actual campeão de Portugal, faz deslocar hoje à Cidade Invicta o seu *team* de Honra — que jogará na *Constituição* com a igual categoria do Campeão — e bem assim a sua categoria de Reserva que, na cidade de Braga, defrontará o valoroso e correcto *Atlético Club de Braga*, para no dia immediato dar início ao programa festivo que se propôs levar a cabo.

Deste modo, os desportistas vimezanenses vão assistir a uma verdadeira consagração do Campeão Distrital, aproveitada à maravilha a quadra festiva que passa.

Na oitava de Natal, e por especial deferência da sua Direcção, visitamos 2 *teams* de Hockey femininos, de que fazem parte senhoras das mais distintas famílias da cidade do Pôrto. Ser-lhes-á promovida uma imponente recepção, na Avenida Cândido dos Reis, dirigindo-se o cortejo para a Sede do Vitória, onde lhes serão apresentadas as boas-vindas pelo digno e muito ilustre Presidente da Direcção, sr. Dr. José Pinto Rodrigues.

As 15 horas, no campo de jogos do *Benheval*, terá início o desafio de Hockey, em que colaboram 20 senhoras. A' aparição dos grupos em campo, por gentil annúncia da Sociedade Columbófila de Guimarães, o público poderá apreciar uma interes-

sante largada de pombos-correios, calculados em alguns centenares.

A' noite, no Hotel do Tournal, terá lugar um banquete de Homenagem ás componentes das equipas do *Feminino Atlético Club*.

Espectáculo inteiramente novo na nossa cidade, de esperar é que as gentis damas vimezanenses engrandalem com a sua presença o *ground* do *Benheval*, distribuindo a graça dos seus sorrisos a quem se mostrou tão gentil para com a nossa Terra.

No dia 2 de Janeiro, efectuar-se-á, no Campo de Jogos, a condecoração dos Campeões, e para o que vai ser dirigido convite à Ex.ª Direcção da Associação de Foot-ball de Braga, tendo lugar nesse dia um entusiástico desafio de Foot-ball, com um dos mais fortes Clubs do País. A aposição das medalhas aos jogadores das duas categorias será feita pelo muito digno Presidente da Associação de Foot-ball de Braga.

No dia 4, no Salão Nobre da Associação Commercial e Industrial de Guimarães, à rua da República, terá começo a série de sessões de propaganda desportiva e na qual será conferente o principe de Poetas e insigne dramaturgo, o Ex.º Sr. Dr. Américo Durão, que subordinará o seu trabalho ao interessante tema — *Arte de Permanecer Jovem*.

A apresentação do ilustre conferente e digno Presidente da Assembleia Geral do Vitória será feita pelo mui prestigioso Presidente-Honorário da nossa primeira agremiação desportiva, Ex.º Sr. Amadeu da Costa Carvalho — um dos mais categorizados desportistas vimezanenses e a quem o Club deve favores sem conta.

No dia 6, no Hotel do Tournal, realizar-se-á um banquete de Homenagem ás equipas vencedoras, e a que deverá presidir o Ex.º Sr. Capitão José Couto, ilustre Presidente da Câmara Municipal deste Concelho.

A inscrição para os desportistas que desejem participar deste banquete de Homenagem, encontra-se desde já aberta na *Casa das Gravatas*, à Praça de D. Afonso Henriques, fechando imprerivelmente no dia 5 de Janeiro.

Na Sede do Vitória tem sido recebidos muitos telegramas, cartas e officios de felicitações pelo triunfo alcançado no Campeonato da época actual. Dentre elles, destaca-se um lindo postal do ilustre official-aviador, Sr. Capitão Umberto da Cruz — herói do *raid* a Timor e sócio do nosso Club — que faz votos pelas maiores prosperidades do *Victoria* no decurso do Novo Ano que entra.

Dr. David de Oliveira

Faz hoje anos este nosso querido amigo e ilustre professor, do Liceu Sá de Miranda, de Braga.

Eis uma noticia como tantas outras, de um acontecimento, como muitos mais, banal.

Entretanto desejamos dar-lhe realce invulgar. Merece-o inteiramente a forte personalidade do dr. David, que em cada vimezanense conta um admirador das suas belas qualidades de espirito, dos seus magníficos dotes de intelligência e do seu rectilíneo apromo de integro homem de bem, de cidadão exemplar, modêlo de virtudes cívicas.

Oportunamente, com o vagar que a tarefa demanda, teremos muito prazer em escrever acerca do antigo reitor do nosso Liceu aquelas palavras de justiça e de reconhecimento de que elle absolutamente é digno, por parte de um jornal que, sendo defensor estrenuo dos interesses de Guimarães e exaltador das suas glórias mais queridas, sabe estimar e venerar os que, vindos um dia, e em boa hora, até à nossa Terra, aqui se têm comportado de maneira a merecerem a pública e espontânea consagração de serem considerados, por todos nós, cidadãos honorários de Guimarães.

Para o dr. David de Oliveira, com

A memoria dos mais te honorifica Tanto que athe o cathalogo se adora; E se o Morto ainda mais te condecora Com o vivo de menos não te fica.

Grandeza de Portugal tem sido o esmalte Em que a tua grandeza reverbera Porque tudo sobejo ou nada falte.

Mas agora, quem mais enfim não crera? Vendo para que exultes, e te exalte, O nosso Portugal na tua esfera?

Para glosar Do Reino sendo esplendor etc. Agora vendo se está etc.

Nome, cada Reino tem. Ou de si ou da Naçam; E nelle com destinçam Maie, ou menos o sen bem. Assim o nosso tambem Logra o mayor, e melhor Porque, com fé, e valor Deixará gloria immortal O nome de Portugal Do Reino sendo esplendor

Em nome, valor e fé Portugal não he hum só; Que ao civil e sacro Nô Multiplicado se vê Mayor gloria tudo he Sempre tambem, e será Pois em o nome que dá Ao Reino lustra mayor

Vária

«A poesia não é a música; menos ainda o discurso. Talvez esta ambiguidade seja o que a faz tam delicada. Parece-nos que ella vai cantar mais do que na verdade canta; que ella nos vai dizer mais do que nos diz. Não ousa entoar muito alto, nem falar muito claro. Não a seduzem nem os píncaros, nem os abismos da voz. Agrada-lhe a colina. Mas, pelo ritmo, acentos e consonâncias, o melhor que pode, tenta comunicar virtude quasi musical à expressão de certos pensamentos». E não de todos os pensamentos».

Paul Valéry

O dr. Miguel Pinto Martins, casado com a ilustre senhora D. Maria Cândida, da nobre Casa de Infias, foi advogado notável em Amarante, político eminente e homem de grande acção social. Um dia, em vésperas de eleições renhidas, encarregou o seu fiel e diligente Custódio de lhe ir saber de três votos. No regresso, o dr. perguntou-lhe: — Então, o Neves? — Não é certo... — E o Castro? — Está pirrónico... — E o Simões? — Vota contra... — Muito bem, muito bem. E Você, ó Custódio? — Se a senhora D. Maria Cândida não der ordens em contrário, estou ás ordens.

Ora uma vez, este Custódio, de Amarante foi à feira de ano a Penafiel. Fez o seu negócio e perdeu tudo na batota. De volta, indignava-se contra si próprio: — Grande malandro? Patife! Reles batoteiro!

Ao passar em Casais Novos, desabou uma chuvaada tremenda. Para se castigar, metia-se pelo meio dos charcos: — Por ali, sua cavalgadura! A besta, queria talvez abrigar-se... Lave-se com chuva, que é água pura, seu desavergonhado!

E esbofeteeva-se, vergastava-se com o lodo, furioso e impiedoso: — Toma, filho de meu Pai, apanha...

Mas — nunca mais jogou a batota.

«A serra é alta, fria, e nevosa; vi venir serrana, gentil, graciosa; Vi venir serrana, gentil, graciosa; cheguei-me per ella com gran cortezia Cheguei-me per'ella de gran cortezia, disse-lhe: «Senhora, quereis companhia?»

Disse-lhe. «Senhora, quereis companhia?»

Disse-me: «Escudeiro, segui vossa via,

Gil Vicente

A certo ourives, de Cabeceiras, perguntaram, referindo-se a um sujeito de muitas basóffias, que lhe andava a roer na pele: — Tu não andastes com Fulano na Escola? — Andei, sim senhores. Éramos até os dois mais brutos que lá andávamos — elle e eu.

Sempre tive para mim que a maior pena das cousas mais mal feitas, era o havê-las feito.

D. Francisco Manuel de Melo

Quarto Precisa-se com ou sem mobilia. Entrada independente. Informa-se na redacção. (486)

o reverente pedido de desculpa pela partida que lhe acabamos de pregar, devido ao seu feiço, sinceramente avesso a toda a publicidade, um forte e leal abraço de fraternal amizade e o desejo veemente de venturas e felicidades sem conta.

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimezanense)

A solemnização da posse de um D. Prior

Para lirico

O mayor signal da felicidade de Guimarães etc.

Romance

Qualquer respectiva posse, Sempre foi e ha de ser, Como fim, complemento Respeito do seu bem.

De Sua Excelleñcia a posse Só para elle não, hé Que são mais os interesses Intercoçados, e bens.

Com ella a melhor cabeça Do Cabido o corpo tem; Têm os subditos Prelado, O melhor q ne pode haver.

Os Pastore a Mayoral, E o Reivan ho o mais fiel, E vigilante Pastor Benigno e sabio tambem.

Hum Dom Prior a Real Insigne (Chamada Sé) Collegiad a que nunca Posse ignal chegou a ver

Enfim Guimarães está (Porque o diga de hua vez) Como nunca; ou do q logra Lembrar-se não pode alguem.

Tem seculos esta Igreja; Ou o seu primeiro sér, Tambem o comunicou A todo o Reino talves.

Tem tido muitos Piores Ou primeiros; para que Com esta primeira corte Tudo tinha parecêr.

Todos tem sido dos grandes, Que a corte e Reino contem, E athe purpurados, como Com o passado são tres.

(A' margem encontra-se a seguinte nota: Os Eminençissimos Cardeais de Carvalho, Domingos Jorge da Costa, conhecido pelo cardeal Aipedrinha, João 21 ou 22)

Pontifice foi hum delles, Ou cabeça dos Fieis; Porque até esta grandeza, Guimarães chegasse a ter.

Que lhe pode repetir A Providencia outra vez Muito mais quando com mitra Seu Prior agora vé.

O que enfim ou nunca viu, Ou foi tam longe que nem Nos monumentos antigos Se poderá hoje Ler.

Tudo tem sido grandeza, E mais grandeza; porém Haver posse como agora Nunca o ouvi nem o sey.

Alguns a tomarão, mas Como a presente ninguém; Q, entre as demais todas, sempre Lugar primeiro ha de ter

De Portugal forão todos; Tem este mas não sei que Porq. nele Portugal Em nome e pessoa vem (?)

Portugal em Guimarães Já começou a nascer; Mas parece que em tal posse Renasce agora outra vez

Em Guimarães começou A primeira corte e Key De aonde os Reis com as cortes Sempre forão a crescer.

Agora só hum Prior vindo Pessoa e nome tambem; Equivoco fica o gosto Univoco o parecer.

Tem feito equivocação Muitas vezes gosto, e fez; Muitas com fundamento mayor Quanto mais pode fazer (?)

Portugal em Guimarães Ha certo e bem certo que Hoje está; e que esta Villa Delle posse e agora tem

Que mayor felicidade Lhe pôda succeder? Do que lograr Guimarães Nesta posse tanto bem?

Ventura, alegria, posse São sinonimos, porque Não se achará verdadeira Nemhuuma sem todos tres.

Por isso o mayor sinal, De Guimarães feliz ser Na posse deste Prelado He a alegria, que tem.

Porque na posse feliz Bem se dá a conhecer, Que mais que a Sua Excelleñcia, A Guimarães lhe convem.

Cantando e cantando de hoje Para sempre quando vé O mesmo, ou o todo em si. De Portugal ouira vez:

Alento, Ventura, Agrado Triunfo, grandeza fé Aceyo, realce, gloria, Alegria, posse e bens

(Este meu pensamento de felicidade de Guimarães por esta occasião reduzi a hum soneto que me ham de dar Licença para repetir.)

Soneto

Mais que nunca te alegre e glorifica Oh! Guimarães ou sempre como agora; Porque a tua grandeza não se ignora Do que do Gram Prior te dignifica

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Ainda o falecimento do sr. dr. Fernando Gilberto Pereira

Como prometemos, referimo-nos hoje ao discurso proferido no Cemitério pelo antigo Professor do saudoso finado:

O Professor Alberto de Aguiar insurgindo-se contra o destino cruel e aparentemente inconsciente que arrastou para a eternidade um dos seus mais laureados discípulos, fala sob a emoção que o desaparecimento do dr. Gilberto Pereira lhe provoca, trazendo o seu depoimento de mestre, para vincar naquele momento a alta personalidade que Guimarães acaba de perder para sempre, quando tanto havia a esperar do seu talento, da sua alta compreensão do culto profissional, da sua requintada sensibilidade e dos primores do seu carácter e do seu trato social.

Gilberto Pereira fôra há 35 anos um dos seus discípulos mais dilectos e que com estudo perseverante, ansia de saber e reflectido método venceu com as mais altas classificações as exigências, que então eram lendárias, do seu ensino.

Lembra-se que o galardão com as melhores classificações e dele conservou através das suas relações profissionais e sociais as mais gratas, sinceras e admiradas impressões.

Um facto, além dos laureis elevados, altas classificações, accessits e prémios que conquistou em todo o seu curso académico médico-cirúrgico, dá bem a medida das invulgares qualidades do dr. Gilberto Pereira: foi a sua tese inaugural que abordando um dos assuntos mais escabrosos da medicina técnica foi por ele dominado com um relvço que o teria elevado à categoria de eleito na investigação laboratorial se o sestro português de desvalorizar o que é seu não abafasse nê as culminâncias da investigação de cuja alta cultura deu exuberante prova; Refer-se à sua tese o Espiritoquista pldido de Schaudinn e Hofmann que descoberto meses antes pelos insignes parasitologistas, foi por ele confirmado vencendo as altas escabrosidades do assunto, numa tenacidade, numa paixão e num apêgo que nobilitariam um investigador e deveriam ter conduzido a êle, que não era parasitologista, nem bacteriologista, nem técnico, a uma polarização e orientação de actividades que o roubaria talvez à nobilíssima cidade de Guimarães, mas o nobilitaria como investigador científico, honrando o nome de Portugal e a ciência internacional.

Firme no seu curso brilhante, animado por todos os professore da Faculdade que lhe reconheciam o mérito, instigado por um mestre ilustre, o dr. Sousa Júnior, no Laboratório do qual confirmou a poucos meses da genial descoberta de Schaudinn o agente da sífilis, que vinha sendo o ponto nodal de investigações variadas, caídas hoje no campo inerte e frio da História.

Outro que não fôsse o dr. Gilberto Pereira, teria sossobrado, vencido pelas inúmeras dificuldades técnicas que o assunto então comportava.

Mas êle numa perseverança tenaz, inclinado horas e horas sobre a objectiva do microscópio, agulhoado pela novidade e importância do assunto, e alimentado pela inspiração íntima do êxito do seu esforço, conseguiu dominar o problema e apreciar pela primeira vez em Portugal, a êle que não era nem bacteriologista nem parasitologista, o agente de que em Maio de 1905 Schaudinn e Hofmann davam conhecimento à Academia de Medicina.

Lembro-me ainda da exuberância de manifestações, da alegria do dr. Gilberto Pereira e do seu entusiasmado mestre Sousa Júnior, quando altas horas da noite, descobriam num lampejo de investigação científica o treponema luetico, após tantas semanas de labor persistente.

Pelo menos nessa noite a extrema moderação de Gilberto Pereira, transformou-se em exuberante e rubra alegria, e com Sousa Júnior sacrificaram uma garrafa de champagne à saúde do terrível flagelador da humanidade.

E de investigação em investigação apresenta a sua tese inaugural, perante a surpresa e íntima satisfação dos seus mestres, sobretudo daqueles que como eu lhe reconheceram os altos méritos.

Foi então que surgiu a ideia de o convidar para o Corpo docente da então Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Bem outros teriam sido os destinos do dr. Gilberto Pereira; mas êle não quis abandonar o seu torrão natal dedicando-lhe tãda a sua actividade, zelo, saber e estudo.

E assim é que mais tarde, se a memória o não traí, elabora uma dissertação de concurso à docência da Escola Francisco de Holanda, versando um problema, que então absorvia todos os espiritos científicos e dava bem a medida da sua curiosidade pela ciência — O problema do rádio e dos raios X descobertos anos antes por Röntgen, Becquerel, Curie, etc.

O seu destino fixou-se, êsse trabalho abriu-lhe as portas da orientação que ambicionava. Guimarães atraiu-o, a Guimarães se votou, perdendo-se talvez para a ciência portuguesa e para a ciência mundial, uma das suas mais lúdimas esperanças.

Seguindo a esteira e a tradição em que Vimaranes é fértil e que a ennobrecem aqui exercen com brilho, com consciência, com elevação, com extrema perseverança, prudência e profunda investigação e certeza de dia-

gnóstico o seu sacerdócio médico, a par e passo que conquistava por seu primoroso trato, requintada sensibilidade moral e pundonorosa e delicada correcção a veneração, a estima e admiração dos seus conterrâncos.

Guimarães compreendeu-o, Guimarães sentiu profundamente a sua morte e o espectáculo a que venho assistindo assim o demonstra e lhe dá bem a medida com que Guimarães exalta a memória de seus filhos, como exaltou a nacionalidade portuguesa, servindo-lhe de heróico berço.

Despede-se comovidamente do seu antigo discípulo dr. Gilberto Pereira, fazendo votos pelo seu eterno descanso e pelo culto das virtudes civicas dêste seu tão querido filho.

D. Maria da Conceição Abreu Pereira

Na sua residência ao Largo Prior do Crato e após doloroso sofrimento, faleceu na madrugada de quinta-feira a sr.ª D. Maria da Conceição Abreu Pereira, viúva do saudoso vimaranense sr. João Qualdino Pereira, mãe dos nossos bons amigos srs. Qualdino e José Gilberto Pereira, irmã dos saudosos vimaranenses srs. Emiliano, João, Ovídio e Carlos Abreu, e tia dos nossos bons amigos srs. Alberto Carlos Abreu, João Carlos Abreu e Elísio Abreu e da capôsa do sr. Armando Andrade.

A saudosa extinta, muito estimada no meio vimaranense, era também cunhada do sr. Dr. Fernando Gilberto Pereira, recentemente falecido.

A sua morte, infelizmente já esperada há dias, foi muito sentida.

O funeral realiza-se hoje às 11 horas, na igreja da V. O. T. de S. Francisco.

D. Deolinda Faria Alves Vieira

No Porto, onde residia há muitos anos, finou-se também, a noite passada, e contando 76 anos de idade, a sr.ª D. Deolinda Faria Abreu Vieira, esposa do sr. José Augusto Ferreira Vieira, conceituado negociante dessa praça, que era irmã da sr.ª D. Maria da Conceição Abreu Pereira, cujo falecimento acima noticiamos também, e mãe do sr. José Augusto Ferreira Vieira Júnior.

O seu funeral realizou-se ontem na Igreja da Trindade, do Porto, após o que o cadáver foi trasladado para esta Cidade, sendo inhumado em jazigo de família no Cemitério de Atouguia.

A família enlutada, sentindo o duplo golpe por que acaba de passar, apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

— Em avançada idade faleceu a sr.ª D. Maria Mendes, tia da sr.ª D. Maria Mendes da Silva Oliveira e prima da sr.ª D. Maria Amélia da Silva Maia, residente em Crestuma, Gaia. O funeral, que foi bastante concorrido, realizou-se no templo da Misericórdia.

A tãda a família enlutada apresentamos condolências.

— Na sua residência, à rua de Vila Flor, faleceu, contando 67 anos de idade, a sr.ª D. Maria Belém de Sousa, esposa do proprietário sr. António Joaquim de Sousa, tia dos srs. Manuel Luís Teixeira, funcionário dos Correios e Telégrafos e Joaquim de Freitas, irmã do sr. José Luis e tia das esposas dos srs. Joaquim de Almeida Bravo, João Albino e Lourenço Ribeiro da Silva. O funeral, realizado na capela da V. O. T. de S. Francisco, foi bastante concorrido.

— Celebrando o 1.º aniversário do falecimento do saudoso vimaranense sr. Joaquim Martins Guimarães, celebrou-se, no templo de S. Francisco, uma missa por sua alma.

Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Novembro de 1937

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 225. Receitas abonadas a doentes externos, 182.

Parturientes recolhidas, 4. Crianças nascidas, 5, sendo 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 81. Doentes entrados durante o mês de Novembro, 116.

Doentes saídos: Curados, 63. Melhorados, 31. No mesmo estado, 3. Falecidos, 11.

Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 89. Banhos dados no balneário, 219. Operações de grande e pequena cirurgia, 33.

Curativos feitos no Banco, 1.167. Doenças de olhos — Curativos 357. Injecções applicadas, 1162. Sessões de Raios ultra-violetas, 145. Sessões de Diatermia, 102.

Hospital António Francisco Guimarães-Vizela

Consultas no Banco, 16. Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 14. Doentes entrados durante o mês de Novembro, 5. Doentes saídos: Curados, 3. Melhorados, 1. No mesmo estado, 0. Falecidos, 0. Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 15. Operações de pequena cirurgia, 1. Curativos feitos no Banco, 223. Injecções applicadas, 11.

Natal dos Pobres

do "Notícias de Guimarães"

DAR AOS POBRES É EMPRESTAR A DEUS, e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana.

Junto das portas da nossa redacção muitas almas se têm abeirado de nós, implorando, humildes e tristes, para que não nos esqueçamos delas na Ceia Santa do Natal de Jesus!

E são tantas, tantas! a pedirem com lágrimas nos olhos um bocado de pão para a bôca, que o «Notícias de Guimarães» resolveu abrir nas suas columnas, a costumada subscrição a favor dos pobrezinhos, para que lhes possa levar — na grande, evocadora Festa da Família — mais um pouco de alegria aos seus lares sem pão e sem lume.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like P.º José Carlos Simões de Almeida (5300), José de Sousa Lima (10500), José Maria de Almeida (Amares) (30500), etc.

NOTA — Do Sr. Administrador do Concelho recebemos 4 Senhas para o bôdo que S. Ex.ª distribuiu aos Pobres. Agradecemos em nome dos contempulados.

Agradecimento

Tenho procurado agradecer directamente a tãdas as pessoas, entidades oficiais e organismos económicos que tiveram a generosidade de me acompanharem no momento mais amargo da minha vida, trazendo-me palavras e dedicações que jãmais poderei esquecer.

Receando, porém, que o elevado número de cumprimentos que me foram apresentados, tivessem ocasionado qualquer falta involuntária, apresso-me a repará-la, testemunhando a tãdas as individualidades que se me dirigiram os meus maiores e mais sentidos agradecimentos

Também desejo manifestar aqui a mais viva gratidão aos rev. padres dos Distritos de Braga e Viana do Castelo que por sua iniciativa ou por solicitações de outras pessoas rezaram centenas de missas por alma da minha querida e saudosa esposa.

A todos, pois, aqui deixo a afirmação do meu reconhecimento, sincero e eterno.

Braga, 12 de Dezembro de 1937.

Luécio Gonçalves Prêza Governador Civil de Braga.

da cidade

Abel Cardoso

Êste nosso querido amigo e ilustre conterrâneo, antigo Professor e Director da Escola Industrial e Commercial desta cidade, comunicou ao Corpo docente dêste Estabelecimento de Ensino que se associava a dor sentida pelo falecimento do saudoso colega dr. Fernando Gilberto Pereira.

Caixa Escolar de Escola

«Francisca de Holanda»

A Direcção da Caixa Escolar da nossa Escola Industrial e Commercial continua a empregar todos os seus esforços no sentido de conseguir donativos para poder socorrer os alunos pobres, para o que se tem dirigido a várias pessoas e entidades. Oxalá que todos sigam o exemplo da digna C. A. do Município, que, para já, resolveu subsidiar a citada Caixa Escolar com 200000, sendo também digna de louvar a forma como o sr. Administrador do Concelho atendeu o apêlo da Direcção,

a quem mandou entregar a quantia de 100000 da verba que conseguiu para os pobres do Natal dêste ano. Era assim que todos deviam proceder, porque é uma grande Caridade e uma virtude auxiliar a juventude pobre que pretende instruir-se e educar-se.

Benemerência

No dia 17 do corrente o sr. Nicolau Cardoso Guimarães, nosso estimado conterrâneo, ausente no Rio de Janeiro, mandou celebrar na igreja de N. S. da Oliveira duas missas por alma de seus pais, a que assistiram 100 pobres, sendo 50 da freguesia da Oliveira e 25 de cada uma das freguesias de S. Paio e S. Sebastião, cada um dos quais recebeu a esmola de 10000.

E' digno de louvor o gesto do nosso querido conterrâneo e Amigo.

Vida Associativa

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga — Sêde em Guimarães:

Sob a presidência do sr. Manuel de Sousa Oliveira, reuniu na passada quarta-feira, a Direcção dêste Organismo Corporativo. Aberta a sessão, foi lida a acta da sessão anterior, sendo aprovada por

unanimidade e devidamente assinada.

Em seguida foi dado o devido despacho ao expediente existente e lida uma relação dos operários da fábrica de Campelo, na qual consta os nomes dos que gozaram as férias remuneradas, afim de informar o ex.º delegado do I. N. T. P. sobre a veracidade da mesma.

Foi deliberado: Oficiar ao ex.º gerente da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães pedindo para que seja dada, para o futuro, a preferência a operários pela mesma reformados, alguns dos quais ainda podem trabalhar, no caso de a mesma precisar de pessoal.

Prestar o auxilio pedido pela Comissão Organizadora do Sindicato Nacional dos Operários Taxinhas, na sua Circular de 29 de Novembro findo, e

Distribuir pelos operários inscritos neste Sindicato há mais de um ano, que se encontrem desempregados, a quantia de 20000 a título de consoada.

Ficam por êste meio avisados todos os patrões da indústria têxtil, que terão de conceder a todos os operários que tiverem, pelo menos, três anos de bom e efectivo serviço, três dias seguidos de férias remuneradas, e bem assim aos que tiverem mais de seis anos de igual serviço, seis dias de férias também seguidas, férias estas que terão de ser concedidas até ao fim do mês de Março de 1938, mas que dizem respeito ao corrente ano.

Todos os patrões que não cumpriam o que acima fica exposto, ficam sujeitos a serem punidos à face dos decretos n.º 24.402 e 36.917, respectivamente de 24 de Agosto de 1934 e 24 de Agosto de 1936.

António José Pereira de Lima

Os amigos e admiradores do respeitável vimaranense sr. António José Pereira de Lima vão oferecer-lhe, dentro de breves dias, um banquete de homenagem, para o qual se acha já aberta a inscrição.

Asilo de Mendicidade e Santos Passos

Segundo nos informam ficou adeado para a Lotaria da Páscoa, o sorteio de um objecto, feito entre os subscritores do Asilo de Mendicidade e Santos Passos, que estava marcada para a Lotaria do Natal.

Boletim Elegante

Bernardino Faria Martins

Após a ausência de alguns anos, regressou de Congo Belga, vindo de visita a sua família, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. Bernardino Faria Martins, que ao progresso de Guimarães se dedicou de alma e coração, anos antes da sua partida para ali. Que seja bem-vindo.

Partidas e chegadas

De visita a sua família encontra-se entre nós, com sua esposa, o nosso prezado conterrâneo sr. dr. Gabriel Faria.

— Regressou de Lisboa, com sua família, a fim de passar entre nós as Festas do Natal, o nosso ilustre amigo e distinto Magistrado sr. dr. Raúl Alves da Cunha.

— A passar as festas do Natal encontra-se, também, nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. José Maria de Almeida, de Amares.

— Regressou de Coimbra o nosso prezado amigo sr. dr. Manuel Jesus de Sousa.

— Com sua esposa regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. dr. Gaspar Gomes Alves.

— Acompanhado de sua esposa e filho está nesta cidade, onde veio passar a festa do Natal, o nosso bom amigo e digno 1.º sargento-cadete telegrafista, sr. José da Mota Freitas.

Nascimento

Tere a sua delivrança, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Natália Pereira Mendes, dedicada esposa do nosso prezado amigo e importante industrial em Camigós, sr. Carlos da Silva Pereira. Parabéns.

Aniversários natalícios

Fêz anos no dia 20 a sr.ª D. Maria José Noronha de Carvalho. Parabéns.

— Faz anos no próximo dia 31 o nosso prezado amigo sr. José Maria Machado Vaz, activo empregado e gerente da Filial da Casa Pimenta, desta cidade. Os nossos parabéns.

— Fez ontem anos o nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Casimiro Gonçalves Ribeiro, e faz anos anos amanhã seu filho, o sr. António Martins Ribeiro. Parabéns.

Doentes

Tem estado bastante doente o nosso prezado amigo sr. José Teixeira dos Santos.

— Também tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. João Gonçalves Martins, filho do nosso querido amigo sr. Gaspar Lopes Martins.

Desejamos as melhores dos doentes.

BOAS-FESTAS

Dignaram-se apresentar-nos os seus cumprimentos de boas-festas, entre outros os seguintes Srs.: Gaspar Lopes Martins, ausente em Santos, Brasil; António José Vieira, digno chefe

Dos Livros. Dos Jornais.

Grupos Primários Auxiliares da Escola, por A. H. Ribeiro da Cunha: — Editado pelo Secretariado da Jec, de Braga, o aluno finalista do Magistério Primário, sr. A. H. Ribeiro da Cunha, num ligeiro trabalho tendente a orientar a formação religiosa dos candidatos ao professorado, publica uma conferência subordinada à epígrafe acima — e em que se procura remediar os erros de certas doutrinas, como o Epicurismo e o Cirenalismo, apartadas da missão cristianizadora da Nova Escola —, a fim de bem aproveitá-la como influente do labor moldado nos princípios capazes de demover certas insuficiências consideradas perniciosas. Agradecemos os exemplares recebidos.

VIDA DE CRISTO, segundo os Evangelhos e as revelações de Catarina Emmerich, pelo P.º José Alves Terças: — Encontra-se em distribuição o Fasc. IV (3.º Volume) desta elucidativa publicação (R. do Loreto, 34, 1/ loja — Lisboa).

O presente fascículo é consagrado, na máxima parte, ao Sermão da Montanha, síntese das pregações do Salvador, nos três anos da sua vida pública. No espírito de todos os que se interessam pelas ciências bíblicas, surgiu, em todos os tempos, uma dificuldade, nunca até hoje resolvida.

Trata-se de saber o local onde o Mestre pregou o maior de todos os sermões. Nem os evangelistas, porém, nem os comentaristas, nos esclarecem sobre este ponto de alto interesse, para o estudo da vida de Jesus.

Se estas duas fontes de conhecimentos não resolvem a dificuldade, encontramos em Catarina Emmerich todos os elementos, que nos permitem não só fixar o local onde o Sermão foi pregado, como examinar as viagens e mais factos, que preparam o grande acontecimento. E', pois, o fascículo agora publicado, um dos mais cheios de novidade e interesse.

Agradecemos o exemplar oferecido.

Memórias de Cláudio Chamusca, novela humorística por Cunha e Sá: — Numa edição cuidada da Maranus, com capa e bonecos de Júlio Resende, publica o interessante humorista, sr. Cunha e Sá, as «Memórias de Cláudio Chamusca» que merecem ser lidas pelos amantes da graça e do bom gosto, mercê a leveza com que recorta os diferentes capítulos da novela e, ainda, pelo entretcho que prende e agrada. A história, sendo de todos os dias, tem contudo situações tam inesperadas, que, para bem dizer-se, a esufiante alegria trasbordada espontânea e detergente, sem sensações peralvilhas, até ao ponto de não distinguir-se se Cunha e Sá é um iniciado neste género de literatura tam ingrato ou a espiritualidade e concepção dos seus originaes lhe dão já o direito de igualar-se a consagrados como André Brun, Gervásio Lobato, Armando Ferreira, Nelson de Barros e tantos outros em quem o chiste e a pilhéria não precisaram de antecipadas cócegas para fazer aflorar em bocas discretas um franco e satisfêito sorriso.

Lêmos as «Memórias de Cláudio Chamusca» de um fôlego, e em nada nos arrependemos daquilo que nesta secção já escrevemos sobre a sua «Pólvora... sem fumo»; antes pelo contrário, hemos de confessar que Cunha e Sá melhorou sensivelmente de forma e, nesta arte difícil, será um exímio cultivador da graça, num futuro mais ou menos próximo.

Com as nossas felicitações, os agradecimentos sinceros pela sua oferta.

L. C.



AS JOIAS DA OUIVENSARIA ANCORAZ FAZEM PARTE INTEGRALMENTE DA «CORBEILLE» DUMA NOIVA (200)

Ouvrensaria Ancora Rua 31 de Janeiro, 21 e 23 Telefone, 6078 PORTO

da P. S. P.; David dos Santos Oliveira, activo e zeloso chefe da Estação dos Caminhos de Ferro de Guimarães; Manuel Gomes de Oliveira, conceituado negociante local; Manuel Salgado Gonçalves, estimado concessionário do Hotel da Penha; Amadeu Alves Diniz, nosso estimado camarada, de Lisboa; António Pimenta, conceituado comerciante e industrial; José Ribeiro Novo, de Barcelos; Arnaldo Alves de Freitas, digno funcionário dos Estabelecimentos produtores do Ministério da Guerra; Eurico A. Ribeiro de Almeida, nosso distinto colaborador, do Porto; Alvaro da Cunha Oliveira, da Cuca; bem como o «Centro Literário Excelsior», de S. Paulo, Brasil, e o nosso prezado coeiga «Voz do Seixão».

A todos, com os nossos maiores agradecimentos, desejamos igualmente as mais felizes festas e um novo ano muito próspero.

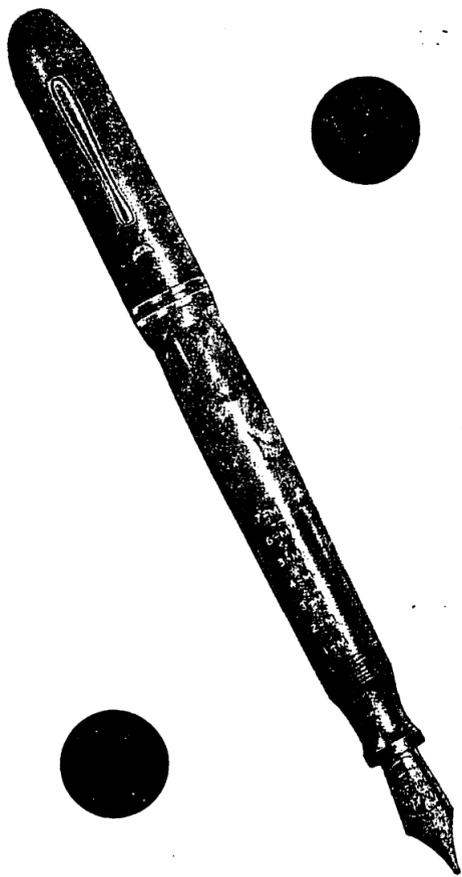
CONKLIN

É A CANETA

que revoluciona o mercado de canetas de tinta permanente! --- Aparo "RHADIUM" escrevendo de duas formas: fino e médio. --- Transparente, inquebrável, com o sistema "conta palavras" patentado em TUDO O MUNDO.

Ga
ran
tia!

Esta caneta não
causa borrões
apesar do seu
grande depósito



Motivos por que o público português deve preferir a

TINTA CONKLIN

- 1.º- Porque é muitissimo fluída;
- 2.º- Porque é isenta de corrosivos;
- 3.º- Porque se apresenta nas côres mais variadas como, azul-preto, azul-fixo, verde, escarlate, laranja, carmezim, violeta e trigueiro;
- 4.º- Porque é **CONKLINI**

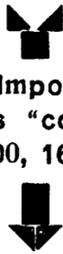
Chamamos a atenção para os seus preços bastante acessíveis, dada a sua excelente qualidade —preços estes que são os seguintes:

FRASCOS 1/64.	2\$50
„ 1/32.	5\$00
„ 1/2 LITRO	22\$00
„ 1 „	35\$00

Os bicos das nossas
penas não caem,
são seguros
como segura é a
fama das canetas

CONKLIN

Estas afamadas canetas, produção da mais importante e antiga fábrica do Mundo, podem ser obtidas a pronto e a prestações semanais "com bonus". — Por 2\$50, 5\$00, 7\$50, 10\$00 e 15\$00 pode obter valores de 75\$00, 165\$00, 230\$00, 330\$00 e 500\$00!!!



Inscreva-se nos sortelos da CONKLIN, no agente em Guimarães

CASA DAS NOVIDADES

DE

FRANCISCO RIBEIRO DE CASTRO
GUIMARÃIS

Assistência permanente
nas
Oficinas Conklin

ROSSIO, 93

Se
gu
ran
ça!

ARMANDO PINTO & IRMÃO



R. St.ª Catarina, 17-1.º — PÓRTO
End. T. API-Pôrto — Telefone 5884

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS
PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

na sua especialidade a fábrica de maior
e mais perfeita produção do País

Pentes, Liços (malhas metálicas), Caixilhos (Perchadas), Grampos,
Molas espirais e planas, etc. — Latas e caixas de fibra Vulcanizada
para fiação. — Carretas, Bobines, Canelas, Lançadeiras, etc. em
: : : : : madeira, cartão comprimido e fibra : : : : :

REPRESENTAÇÕES

Máquinas para Fiação e Tecelagem, Batedores, Cardas, Penteadoras, Contínuos,
Teares, Encarretadeiras, Caneleiras, etc. — Máquinas de Preparação e
Cabamentos.—MOTORES Diesel a oleos pesados, Electricos, etc.

MÁQUINAS USADAS

EMPRESA INDUSTRIAL SAMPEDRO, L.^{DA}

LORDELO — QUIMARÃIS



Fábrica de Tecidos de Linho e de Algodão

Grande Prémio de Honra na Exposição Industrial Portuguesa de 1933

Diploma de Honra na Exposição Colonial Portuguesa de 1934

Especializada no fabrico de linhos finos

Escritório no Pôrto:

R. dos Clérigos, n.º 44-1.º

TELEFONE 2441

A LUTUOSA DE PORTUGAL

(Associação de Socorros Mútuos)

Fundada em 1 de Julho de 1927

SEDE E PROPRIEDADE

Avenida das Nações Aliadas, 168

PÓRTO

TELEFONE 5135 — P B X

Assegura o Futuro de Vossas Famílias



Admite associados de ambos os sexos desde os 16 aos 45 anos



Concede subsídios únicos de 5, 10, 15, 20, 25, ou 30 contos
pagáveis aos herdeiros ou beneficiários dos associados



População associativa em 31-X-1937	13.796 Sócios
Fundos capitalizados " " " "	14.165 Contos
Subsídios pagos até 31-X-1937 . .	25.245 "



Cotização mensal acessível a tôdas as bôlsas
e em relação à idade e ao subsídio em que se inscrevam



Sócio-correspondente em Guimarães

António Silva

Rua de S. Damaso, 89

H. VAULTIER & C.^A

SEDE EM LISBOA

FILIAIS:

FILIAL NO PÓRTO:

Delegações e Agencias em todo o Continente e Ilhas 201, Rua Mousinho da Silveira, 205

Correias Tira-Tacos

Correias de Couro

Correias de Borracha, Balata

e pêlo de camêlo

Puados e todos os artigos

para fiações

Material para serviços de incendio

Óleos "EAGLOIL,"

FÁBRICA DE GANDRA

DE

Francisco Manoel Durães & Filhos, L.^{da}

FÁBRICA A VAPOR DE TECELAGEM

TINTURARIA E SERRAÇÃO

Rua Conselheiro Lopes da Silva

VALENÇA DO MINHO

TELEFONE, 19

Fábrica de Fiação e Tecidos da Carreira, Limitada

No Pôrto

Rua de Traz, 70-2.º

Carreira

Vila Nova de Famalicão

TELEFONE, 5387

Fiação fina de Algodão
Especializada em fios
Egipcios mercerizados

EMPRESA TEXTIL DA CUCA, LIMITADA

FÁBRICA:

MOREIRA DE CÓNEGOS
VIZELA

Telefone, 24

SEDE E ESCRITÓRIO:

56, R. DE PASSOS MANUEL, 58
PÔRTO

Telefone, 1147

Fábrica de Fiação e Tecidos de algodão e mixtos com sêda

Sociedade Lapidadora Portuguesa

Fábrica de Lapidação, espelhagem e vitrais

NEVES & ARMANDO, LIMITADA

194 — Rua de Gonçalo Cristovão — 196

Telefone 154

(Em frente à Escola Raúl Dória)

Pôrto — Portugal

Confiem-nos as v/ordens sem receio, visto a nossa casa ser a maior no genero, pois a n/ fábrica está montada com as máquinas mais aperfeiçoadas, satisfazendo portanto tôdas as exigências, não só na perfeição do seu trabalho como nos preços.

↳ A única que não teme a concorrência

Custódio André Moreira

Agua Longa

Santo Tirso

Fabricante de canelas-bobines, pranchetas, carretas e diversos artigos para a Indústria Textil

Agente em Guimarães:

J. MENDES RIBEIRO JÚNIOR
RUA DE SANTO ANTÓNIO

AGENTE EM GUIMARÃIS

Sebastião Teixeira de Aguiar



*Grandes
Vinhos
Espumantes
Naturaes*

CAVES DA RAPOSEIRA
LAMEGO - PORTUGAL

AGÊNCIAS:

LEBÔA: BENARUS, LDA. - R. Emenda 100. T. 25674
PÔRTO: A. LUCENA - R. Bom Jardim 380. T. 17154

Carreira entre Guimarães e Pôrto

Escritório em Guimarães:

RUA DE SANTO ANTÓNIO

PARTIDAS: 8 h., 12,30 e 18,15

TELEFONE: 181

Escritório no Pôrto:

RUA DO ALMADA

GARAGEM C. DO PORTO

PARTIDAS: 8 h., 10,15 e 17

JOÃO FERREIRA DAS NEVES



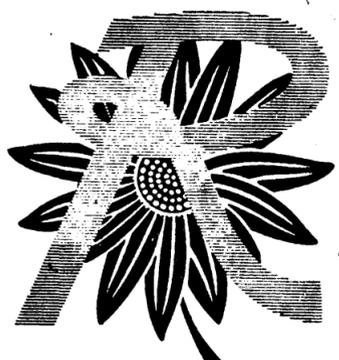
FÁBRICA
DE
FIAÇÃO E TECIDOS
DO
ARQUINHO
DE
António J. P. de Lima
FUNDADA EM 1913
GUIMARÃIS
Telefone 12

Fábrica de Tecidos
da
Cruz de Pedra L.^{da}



Telefone, 190

GUIMARÃIS



TECIDOS DE
REBORDÕES

Impõem-se
pela
perfeição
do
fabrico
e
solidez
das
suas côres.

Fábrica de Pentes
do Ribeirinho

FORNECEDORES DOS PRINCIPAIS ARMAZENS DE EXPORTADORES

Casa fundada em 1908 TELEFONE, 128

PENTES—TRAVESSAS
GANCHOS—CALÇADEIRAS
AGULHAS PARA LÃ



GUIMARÃIS

FÁBRICA DE CORDOARIA

José Romeira, Suc.

(Manuel Marques da Silva)
ESMORIZ

Fabricam-se cabos de fôdas as dimensões, alcatroados e em branco. Fios em fôdas as grossuras para rede e redes de fôdas as qualidades. Tapeçaria, saços de papel e vazilhame.

VENDA POR ATACADO DE LINHOS, SISAIS, MANILAS E CAIROS.
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO PARA AS COLONIAS.

CASA DOS LINHOS | Telo (gramas Teixeira Abreu)
(REGISTADA) | Fios n.º 25

Teixeira d'Abreu & C.^a

Premiados na Exposição de Paris de 1900

Fabrico especial de Panos
de Linho de Guimarães

Atoalhados, panos de algodão, lenços, colchas de sêda e ditas de algodão. :—:

Bordados regionais; serviços para cama, ditos para mesa, centros, naperons, etc.

82, 83, 84, Largo Prior do Crato, 85, 86, 87
GUIMARÃIS

António José Lopes Correia, Filhos



Fábrica de Tecidos

PEVIDÉM

Telefone 13
(Rêde de Guimarães)

FÁBRICA DO BUGIO
José Florêncio Soares & C.^a, Sucessores

FAFE

Fiação e tecelagem de algodão. Fabrico de fios penteados até ao n.º 120 com ramas da melhor qualidade. Especialidade em flanelas de algodão, as mais reputadas do fabrico nacional. □ □ □ □

TELEFONE N.º 18

Telegrafo: Fábrica Bugio

COMPRE COTINS

DA

FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS

DO

CAMPO ALEGRE

PORTO

CARVÃO INGLÊS

PARA

Indústria, Cozinhas, Aquecimento, etc.

Kendall & C.^a, L.^{da}

Rua Infante D. Henrique N.º 39-1.º

PORTO

Telefones { 8 — Pôrto
331 — Matozinhos
4 — Figueira da Poz.

Telegramas — Klenden — Pôrto.

Produtos

ADICO

(Marca registada)

Mobiliário cirúrgico e hospitalar
Móveis modernos cromados

ADELINO DIAS COSTA

AVANCA

TELEFONE, 2

Camas
Lavatórios
Colchoaria

J. R. GEIGY S. A., BÂLE Suisse

ANILINAS para tôdas as Industrias

Representante-Depositário

Carlos Cardoso

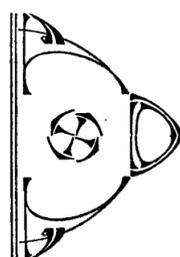
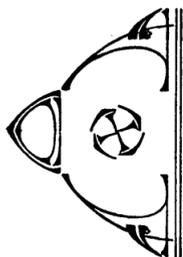
Rua do Bomjardim, 551-PORTO

TELEFONES: 4955 e 4956

Agente em Guimarães:

J. MENDES RIBEIRO JUNIOR

R. de Santo António, 88-A



Oleos Germ

xx
Lubri-
ficante in-
glês de pri-
meira qualidade
com a categoria de
óleo de aviação. For-
necido em várias gradua-
ções para todos os tipos de
motor de automóvel, para ins-
talações de força motriz e maqui-
nismos em geral x x x

AGENTES:

J. P. da Conceição, L.^{DA}

Rua Mousinho da Silveira, 91

P O R T O

Mário Costa & C.^a, Limitada

Rua do Almada N.º 30, 1.º E 2.º, PORTO

TELEFONE 2571

Telegramas—NATICOLOR

Agentes Gerais para Portugal e Colónias de

Muraline — a conhecida tinta a
água, para pintura de paredes.

Hard Gloss e La Belle — es-
maltes de grande resistência
e brilho.

Esmalte Sintético "Four
Hour" (quatro horas)
— próprio para irradiadores,
tinas, etc.

Tinta Anti-Corrosiva Carson
— tinta de grande resistência
para tôdas as obras de enge-
nharia.

Cimentex — a tinta indicada
para a pintura de cimento,
em interiores e exteriores.

Trinchas, pinceis, rolos pa-
ra decorações de pare-
des, etc.

Agentes nos principais centros
comerciais.

Compagnie Nationale de Matiè-
res Colorantes et Manufacture de
Produits Chimiques du Nord Réu-
nies (Etablissements Kuhlmann).

Compagnie Française de Produits
Chimiques et Matières Colorantes
de Saint-Clair-du-Rhône.

Société des Produits Chimiques et
Matières Colorantes de Mulhouse.

Durand & Huguenin (S. A.), de
Kuningue.

Fabricantes de corantes para
tôdas as fibras, directos, sui-
furosos, básicos, ácidos, croma,
meia-lã, Naphtazol, etc., etc.

Corantes de cuva, de grande so-
lidez ás intempéries,

SOLANTHRENES.

Agentes nos principais centros
industriais.

A Filial da Casa Alberto Pimenta Machado (Casa Pimenta) Rua de S.^{to} António

participa à sua numerosa clientela que, por motivo do balanço, resolveu saldar grandes lotes de casimiras de Coimbra, sobretudos, panos de casaco, sarjas de lã, tuides, e muitos artigos de algodão, tudo por metade do preço!

Esta grande liquidação durará apenas 30 dias, isto é até ao fim do ano, e inicia-se hoje, com uma grande exposição.

Também se vendem saldos de grandes lotes de retalhos, a preços baratíssimos!

HOJE esta Casa expõe uma grande quantidade de atalhado, para venda a peso, a preços excessivamente baratos.

?...

... e porque não oferece um Edredon da acreditada marca KAPELL como prenda do Natal?

Um Edredon KAPELL além de ser uma oferta delicada, oferece luxo e conforto num quarto e é sempre bem recebido.

Edredons KAPELL só se vendem nos

Armazéns da Capela

(Sucursal d'A POMPADOUR)

70, RUA DAS CARMELITAS, 76

TELEF. 1885 PORTO

Bom emprêgo de capital

Vende-se um grande prédio e de boa construção, podendo ser aumentado dum ou mais andares, moderno, prédio de esquina, que faz frente para a Rua de Gil Vicente, com os números 100, 102 e 104, e também para a Rua de Paio Galvão, com os números 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128 e 130, tendo de comprimento do lado desta rua 35 metros. Fica situado em frente à praça do Mercado e Avenida que segue para o Matadouro Municipal, tem grandes lojas para qualquer estabelecimento e um grande andar para as trazeiras; tem instalação eléctrica, água encanada, tanque para lavar, um grande barandim para secar roupa, duas retretes com a respectiva fossa moura, sem cheiros de qualidade alguma.

Este prédio, que também tem uma Garage, está actualmente a render por mez a quantia de Esc. 860\$00. Quem o pretender pode dirigir propostas ao seu proprietário, Joaquim de Magalhães Bastos, Rua de Gil Vicente, 104. (476)

Anunciar no Notícias de Guimarães

JOSÉ PINTO RODRIGUES

ADVOGADO
(no escritório do Ex.^{mo} Sr. Dr. António do Amaral)
Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

Telefunken RÁDIO

Receptores para 1938.

Os melhores de todos.

Optima construção, selectividade, pureza de som e BARATOS.

AEG Lusitana de Electricidade

Lisboa AEG Pôrto

Agente em Guimarães:

(502)

A. S. Lima.

A melhor água de mesa

Água Radium

A mais radioactiva de Portugal

Uma das mais radioactivas do mundo.

Estas águas actuam quer junto das fontes, quer longe delas. (Palavras do Prof. Dr. Armando Narciso)

De efeito seguro na artério-esclerose, dissolvendo a cal das artérias assim como nos edemas, nas doenças de coração e rins.

Reguladora da pressão arterial, evitando o perigo das apoplexias.

Conselhada com êxito no artritismo e em outros defeitos da nutrição.

Nos diabetes, elimina o açúcar das urinas.

Revigoradora do sistema glandular, desenvolvendo o seu funcionamento, tonificando poderosamente o organismo debilitado.

Um remédio contra o reumatismo e a gôta.

A grande superioridade da **Água Radium** é conter, além da sua **emanação de Radio, sais de Radio em dissolução, vantagem que nenhuma outra possui.** (Relatório do Prof. Karl von Noorden).

Devido aos **sais de Radio em dissolução** que contém, conserva perpetuamente todo o seu valor. (XIV Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médica — Toulouse, França, 1933).

As Termas Radium, em Caria — Beira-Baixa — estão abertas de 1 de Julho a 15 de Outubro.

Depositários em Guimarães: (485)

Laboratório e Farmácia HÓRUS (Antiga Farmácia Normal) Praça D. Afonso Henriques, 26.

Anunciar no "Notícias de Guimarães"

Banco de Barcelos

Fundado em 1875

Agência em Guimarães

Largo do Toural

(Instalação da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JUNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos.

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES { BARCELOS N.º 31 GUIMARÃIS " 60

A Sapataria Luso, apresenta aos seus amigos e clientes Boas Festas, lembrando a conveniência de que o 1938 deve ser iniciado com um par de sapatos da Luso. (503)

CASA TEIXEIRA

(Antiga "Loja dos Caixeiros,")

P. D. Afonso Henriques GUIMARÃIS R. Paio Galvão

O seu proprietário, Joaquim Teixeira, ex-gerente da Casa Pimenta, e Albino Rebelo, da Loja Nova, participam ao público em geral e em especial a todas as pessoas que os tem distinguido com a sua amizade, a abertura do novo estabelecimento, ao mesmo tempo que agradecem uma visita.

Esta casa tem um completo sortido de sobretudos e casimiras para fatos, panos de casaco para Senhoras, assim como de fazendas brancas e miudezas.

Grandes lotes de Retalhos de bretanhas, panos de lençol, flanelas, opalines, sêdas, riscados, etc., etc., que são vendidos com uma grande diferença de preços.

Não compreis sem primeiro visitar esta Casa, no vosso próprio interesse. HOJE, EXPOSIÇÃO.

SOCIAL Companhia Portuguesa de Seguros

S. A. R. L.

Agência em Guimarães -- HENRIQUE DE SOUSA CORREIA GOMES

Preferida pela organização da sua assistência para os **SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO**

CAPITAL, ESC. 500.000\$00

SEDE: Rua Cândido dos Reis, (Palácio Conde de Vizela) -- PORTO

FÁBRICA DE FITAS E FIAÇÃO DE ALGODÃO

A. C. da Cunha Morais, L.^{da}

CRESTUMA — GAIA

Telef. — PBX Crestuma 12 e 24



Fita de nastro indiana
Fita sarjada fina e forte
Fita puxadeira e perciana
Fitas para máquinas tipográficas
Torcidas ou mechas para candieiros
Fita vegetal para atar pacotes
Fachas e bandas para as colónias
Lonas estreitas para alpargatas

Algodão em trama e urdidura
Algodão torcido em branco e de cores
Algodão para alinhar em maços e tubos
Cordão e atacadores

e outras qualidades de fita ou fios.

COMPANHIA GERAL DE COMBUSTÍVEIS

S. A. R. L.

SÉDE EM LISBOA: FILIAL NO PORTO:

Avenida 24 de Julho, 1-2.º Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º
Telefones 2 2361, 2 2362 e 2 2363 Telefones 2682 e 2683 P. B. X.
Endereço teleg.: COALS Endereço teleg.: COALS

Representante directa das firmas:

Powell Duffryn Associated Collieries, Ltd.
Gueret, Llewellyn & Merrett, Ltd.
e Companhias Associadas

controlando uma exportação anual de 10.000.000 de toneladas de carvão.

Carvões das melhores minas de Cardiff e Newcastle, apropriados para as diversas aplicações industriais e domésticas.

Não comprem sem se inteirarem das vantagens que oferecemos aos nossos Clientes.

E. I. du Pont de Nemours & Company

INCORPORATED

Organic Chemicals Department Wilmington, Delaware
Anilinas e Produtos Químicos

Böhome Fettchemie-Gesellschaft
Produtos especiais para a Indústria Têxtil e de Cortumes

CHEMNITZ

AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

ROST & JANUS, SUCRS.

-- Secção de Anilinas e Produtos Químicos --

TELEFONE 437

RUA PASSOS MANUEL, 70-1.º — PORTO.

Agente em Guimarães

ALBERTO GOMES ALVES

Praça D. Afonso Henriques — GUIMARÃIS

Telefone 133. * * * * *

A SEDARÍA

Fábrica de Tecidos de Sêda

M. Alves Ribeiro em C.^{ta}

Fábrica: Rua do Dr. Júlio de Matos, 587
Escritório: Rua de Anibal Patrício, 410

TELEFONES 8533 } PBX
8933 }

PORTO

VIDAL & VIDAL

SUCESSORES

Grácio, Esteves & Pinto, L.^{da}

Agência de Despachos, Mudanças e Transportes
em Lisboa, Porto e para todos os pontos do País
Carreiras de Camionetes entre LISBOA e PORTO

DESPACHOS NAS ALFANDEGAS

Expedição e reexpedição de mercadorias pela via marítima

Séde em Lisboa

9, Rua da Vitória, 11

TELEFONE 2 4788

Filial no Porto

Rua das Fontainhas, 193

TELEFONE 5310

SE É APRECIADOR...PROVE **SCALABIS**

VINHOS FINOS E DOMEZA

Vinhos Finos e de Mesa

Recomendando o uso das nossas marcas de vinhos da Estremadura, não defendemos somente os nossos interesses! E' que os vinhos SCALABIS, são de pureza e genuinidade garantidas.

Sociedade de Vinhos Scalabis, Limitada
ALPIARÇA e AVIHIRO (Séde)

Litografia Ideal, L.^{da}

Travessa de Cedofeita, 22 — PORTO

TELEFONE, 5077

Execução esmerada e cuidadosa em todos os trabalhos do seu género:



Rótulos, Cartazes, Cromos, Reclamos, Impresos de escritório, Alto Relêvo e Foto Lito.

A's Fábricas de Tecidos recomendamos, no seu interesse e conveniência, nos consultem nos seus trabalhos de litografia a executar.



ECONOMIA E PERFEIÇÃO.

PREÇOS DE CONCORRÊNCIA.

PEÇAM ORÇAMENTOS.

Fábrica de Branqueação e Acabamentos, L.^{da}

PORTO

Fabrica em Portugal os melhores e mais finos tecidos brancos e de côres lisas, os já afamados

«TECIDOS BREINER»

sendo inconfundíveis as suas opalinas. Estes tecidos encontram-se à venda nos armazéns do sr.

Alberto Pimenta Machado

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Casa Fundada em 1855 (52 anos)

Rua do Bomjardim, 437-A

Telegramas: DORATO

Telefones 1313 e 1668

PORTO

Para Fiar — Tecer — Tingir — Acabar

Para tudo o que diz respeito à Indústria Têxtil, há uma casa Portuguesa que fabrica todos os Acessórios necessários!

Mesmo que não tenha interesses ligados à Indústria Têxtil, visite a Exposição permanente desta casa e verá que a Indústria Nacional de Acessórios para a Indústria Têxtil dispensa os de fabricação estrangeira. Concorremos a 6 Exposições tendo-nos sido conferidas 7 Medalhas de ouro e 1 diploma de honra. Na Industrial Portuguesa de 1932 e Colonial de 1934 foram-nos conferidas 2 medalhas de ouro em cada.

Agente em Guimarães:

DAMIÃO DE SOUSA OLIVEIRA

Fosforeira Portuguesa

Séde:

Rua Garrett, 62

Lisboa

FÓSFOROS

Portugueses
Familia-
Antoninos
Vencedores
Ilhéus
Açoreanos

A MAIS PERFEITA QUALIDADE E APRESENTAÇÃO

Coloniais — Marrocos

Fósforos de exportação

Fábrica: ESPINHO

CUPERTINO DE MIRANDA & C.^a

BANQUEIROS

Antigamente Cupertino de Miranda & Irmão, L.^{da}
Casa fundada em 1919

SÉDE: R. Sá da Bandeira, 55

SUCURSAL: R. Sá da Bandeira, 9

PORTO

FILIAL: Vila Nova de Famalicão

Telef. { Cidade, 482 e 483
Estado, 65
Filial, 84

Endereço Telegráfico: TINANDA

Códigos usados

Ribeiro — A B C 5.^a Ed. — Bentley's — Peterson 1.^a, 2.^a, 3.^a Ed. — Mascote — Particulares.

Depósitos

A prazo de 3, 6 e 12 meses, à ordem e caixa económica em cofres portáteis, tanto em escudos como em moedas estrangeiras.

Descontos e cobranças de letras

Sobre todo o Continente, Ilhas, Colónias e Estrangeiro.

Saques

Sacamos nas mais favoráveis condições sobre todas as praças estrangeiras.

Compramos letras sobre o Estrangeiro em todas as moedas.

Cartas de crédito. Empréstimos sobre papéis de crédito.

Papéis de Crédito

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros.

Pagamento de cupões, nacionais e estrangeiros; regularização dos cupões convertidos em Fundig.

Averbamento de títulos. Informações financeiras.

Cofres fortes

Alugamos cofres fortes para a guarda

de jóias e valores nas mais vantajosas condições.

Notas e moedas

Compra e venda de moedas de todos os países, ouro e prata em barra e moeda.

Brasil

Temos os nossos serviços modeladamente organizados neste País encarregando-nos da Administração de bens, cobrança de aluguer e dividendos, liquidação de heranças, etc., ao melhor dos interesses dos nossos clientes. Delegação no Rio de Janeiro e correspondentes em todas as outras cidades.

Seguros

Somos Agentes de algumas das mais importantes Companhias nacionais e estrangeiras. Efectuamos seguros contra todos os riscos, às melhores taxas e com a máxima garantia.

Mercedarias

Encarregamo-nos da colocação de quaisquer consignações, para o que possuímos amplos armazéns e pessoal muito competente.

Correspondente em Guimarães:

Alberto Gomes Alves.



Marques Pinto, Irmãos, L.^{da}

R. Torrinha, 282

Importadores de

Algodão em rama

PORTO

de tôdas as procedências.



FUNDIÇÃO DE FERRO E METAIS

F. BRINDLE & C.^A, L.^{DA}

Rua do Pinheiro Manso, 388 — PORTO — Telefone, 1560

Delegados das casas G. W. THORNTON & SON, de MANCHES-
TER; TWEEDALES & SMALLEY, L.^{da} (1920) de CRSTLETON,
fabricantes de Máquinas de Fiação. — — — — —

Estas máquinas são montadas por PESSOAL HABILITADO que temos na nossa casa, nesta cidade.

EXECUTAM-SE transmissões modernas, Uniões de Fricção, Engre-
nagens abertas à plataforma (máquina de frezar), Elevadores, Tuba-
gens para máquinas a vapor, Tubos aillots para aquecimentos de
fábricas e Serviço de caldeiraria. Secção especial de fabricação de Tea-
res, Encarreteiras, Caneleiras e tôdas as máquinas para tecelagem.

Encarrega-se de quaisquer projectos e plantas gratuitos.

EMPRESA FABRIL DO NORTE, L.^{da}

Séde: Senhora da Hora — Telefone: 12-S. H. — Telegramas: Norte

Fábrica de Fiação fina — Tecelagem de artigos finos
Mercerização — Acabamentos — Linhas para costura

Uma fábrica portuguesa de carrinhos de linha de algodão das seguintes marcas:
— Relógio, Pôrto, Afonso Henriques, Alfaiate.

De linha de algodão em tubos, marcas: — Bouquet, Sedalina, Alinhavar.

De linha de algodão em novelos, marcas: — Perlé e Passajar.

De carreteis de linha de algodão da popular marca «COSTUREIRA».

Fabrics especializado dos seguintes artigos: — Popelines, Palmiras,
Zefires e Bretanhas finas.

As afamadas bretanhas — marca Angela — são fabricadas com algodão das nossas colónias d'Africa.

Algodão para bordar:

Os nossos artigos competem com vantagem com as melhores marcas estrangeiras.

Armazém de Drogas e Produtos Químicos

Thiozol — Muthiol

Ampolas sulfo-mercuriais indolôres

Ampolas Bismuto Lipo Solúvel.

Preparação do Instituto Bioquímico do Rio de Janeiro.

Depositário Geral para Portugal e Colónias:

Drogaria Rodrigues da Costa

102, Largo de S. Domingos, 103 — 32, Rua das Flores, 36

Telefone, 5664 P B X

PORTO

Depósito de todos os produtos da Central Vitamate.

Máquinas e Acessórios

PARA:

FIAÇÃO

TECELAGEM

TINTURARIA

ESTAMPARIA

ACABAMENTOS, ETC.

TRANSMISSÕES INDUSTRIAIS POR CORRENTE RENOLD

NOVO SISTEMA DE AQUECIMENTO POR APARELHO «THERMOLIER»

HARKER, SUMNER & C.^A

227, Rua José Falcão

14, L. Corpo Santo, 18

— PORTO —

— LISBOA —

CASTRO, SOUSA & C.^A, L.^{DA}

Comissões e Representações

Agentes Depositários (Norte Mondego) de:

Soc.^{te} Anon.^{me} des Matieres Colo-
rantes & Produits Chimiques de
Saint Denis (anilinas para tôdas as indús-
trias e produtos químicos para tinturarias).

Compagnie Française des Extraits
Tintoriaux et Tannants du Havre
(Extratos para corlumes).

Carlos Farinha - LISBOA (Acido acé-
tico, Taninos, Bicromatos, Lãs penteadas
e em fio).

Agentes depositários dos produtos da
Fábrica «LUSO»

Aivalades
Branco de Titânio
e a Inegalável tinta

a água à base de óleo

MEMBRANITE
para pintura exterior e interior

EXTRATOS DE CAMPECHE

HEMATINES
SULFORICINATOS

TELEF. 2219-P. B. X.
TELEG. MIMI-PORTO
COD. BENTLEY-ABC 6.TH

Rua Alexandre Herculano, 233 — Pôrto

JOSÉ DE MELO & C.^A

CASA FUNDADA EM 1828

Despachos de Exportação — Importação e cabotagem

Rua Nova da Alfândega, 67

PORTO

TELEFONES: 73 e Estado 57

Despachantes, Agentes Marítimos e Interna-
cionais. Agentes e Comissários de Fabricantes
e Negociantes Estrangeiros e Nacionais. ☼ ☼ ☼

Fábricas de: ALCOOL RECTIFICADO (EXTRA NEUTRO 96.º)
Alcool Desnaturado, Aguardente Vinica 77.º

Sociedade Lusitana de Distilação

E. FONSECA & C.^A

ESCRITÓRIOS

LISBOA

Rua Vitorino Damásio 26, 1.º-Esq.

Telef. 6 1168 — 6 1169 Teleg.: ALCPOOL

PORTO

Rua das Carmelitas, 100, -2.º

Telefone, 1913

**Fábricas e Armazém de Tecidos de Algodão
e Fábrica de Móveis e Serração**

DE ALBERTO PIMENTA MACHADO

**Rua de Paio Galvão
Rua de Gil Vicente**

Telefones { Armazém 59
Escritório 110
Residência Particular 87

FILIAL
Vendas a Retalho — Colossal Sortido em Casimi-
ras e inúmeros Artigos para Homem e Senhora
Rua de Santo António — Telefone 180

GUIMARÃIS

*O seu proprietário cumprimenta todos os seus ex.^{mos} clientes,
desejando-lhes Boas Festas e um próspero ANO NOVO.*

Fábrica de Roldes

Caneiros -- Guimarães

Telef. 99

Especialidade
em
Pelarias finas

Francisco I. da Cunha Guimarães & Filhos

PEVIDÊM

Moinho do Buraco

S.^o António do Caldo

**Fábricas de Fiação
e
Tecidos de Algodão**

FUNDADA EM 1890

Telefone 235 (rede de Guimarães)

O melhor
café é o d' **A Brasileira**

Teles & C.^a, L.^{da}

75, R. de Sá da Bandeira, 91

PORTO

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Praça D. Afonso Henriques

Guimarães

Fábrica Manual de Calçado

JOSÉ ANDRÉ & C.^a

TELEFONE, 168

GUIMARÃIS

J. MENDES RIBEIRO J.^{OR}

Guimarães

Rua de Santo António, 88.ª

Telefone, 81

Representações, Comissões e Consignações

Matérias primas, anilinas e produtos químicos

MÁQUINAS

de Fiação, Tecelagem, Acabamentos e Tinturaria.

FERRAMENTAS E ACESSÓRIOS

para todas as Indústrias.

MOTORES, LOCOMÓVEIS E CALDEIRAS A VAPOR

Carvão de todos os tipos -- Pneus -- Máquinas de escrever -- Seguros contra todos os riscos.

Agente da «LUMIAR» — a lâmpada portuguesa.

PEREIRA, VON HAFE & C. L^A

PORTO

Travessa da Rua da Fábrica n.º 14

Telf. 5022

Representante:

J. Mendes Ribeiro J.º

Rua de Santo António, 86-A -- GUIMARÃIS

Tôdas as Drogas e Produtos Químicos para tôdas as Indústrias e fins.

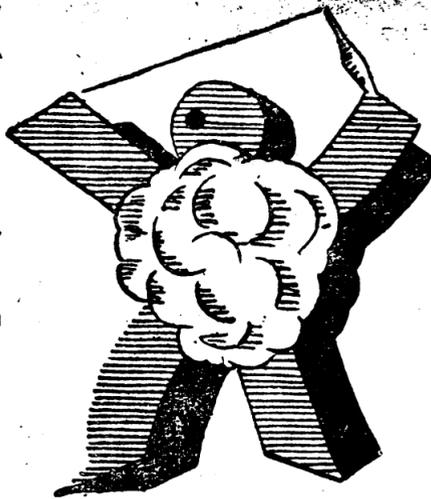
Gômas, féculas e dextrinas — Ácidos, óleos para tinturarias.

FIBRA COMERCIAL LUSITANA, L. DA

RAYON
SNIAFIOCCO

Torções — Fantasias — Voile
Crepe Encolados — Urdissaçem e Tinturaria

Vendas Exclusivas dos Produtos
«SNIA-VISCOSA»



«Sniafiocco»
Marca Registada

Tel.: Italfibra - PORTO

PORTO: Avenida Boavista, 1904
TELEFONE 4311

LISBOA: R. Francisco Foreiro, 3-3.º-D.
TELEFONE 48477

Textil Artificial do Porto, Limitada